



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE LETRAS (FL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA (PPGLL-FL-UFG)

ANTÔNIO LUIZ WA' AWE

**Aspectos linguísticos e culturais no processo de formação do
homem Xavante na Aldeia Sangradouro Mato Grosso Brasil**

GOIÂNIA

2022

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE
TESSES****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

ANTÔNIO LUIZ WA' AWE

3. Título do trabalho

"ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO HOMEM XAVANTE NA ALDEIA SANGRADOURO MATO GROSSO BRASIL"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO*

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Gláucia Vieira Cândido, Professor do Magistério Superior**, em 23/01/2023, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Luiz Wa' Awe, Usuário Externo**, em 24/01/2023, às 22:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3399201 e o código CRC 1222D51B.

ANTÔNIO LUIZ WA' AWE

Aspectos linguísticos e culturais no processo de formação do homem Xavante na Aldeia Sangradouro Mato Grosso Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: LP4 – Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e línguas de sinais.

Orientador(a)s: Professor(a) Doutor(a) Gláucia Vieira Cândido e Professor(a) Doutor(a) Maria do Socorro Pimentel da Silva (*In memoriam*)

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

WA'AWE, ANTÔNIO LUIZ

Aspectos linguísticos e culturais no processo de formação do homem Xavante na Aldeia Sangradouro Mato Grosso Brasil [manuscrito] / ANTÔNIO LUIZ WA'AWE. - 2022.
LXXIII, 73 f.

Orientador: Profa. Dra. GLAUCIA VIEIRA CANDIDO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos.

1. Povo Xavante . 2. Cultura Xavante. 3. Pedagogia Xavante. 4. Formação do homem Xavante. I. CANDIDO, GLAUCIA VIEIRA, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 24 da sessão de defesa de dissertação de ANTÔNIO LUIZ WA' AWE que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das quatorze horas, no miniauditório, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO HOMEM XAVANTE NA ALDEIA SANGRADOURO MATO GROSSO BRASIL". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: Profa. Dra. Mônica Veloso Borges (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno e Profa. Dra. Rosani Moreira Leitão (PPGIDH-UFG), membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Gláucia Vieira Cândido, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2022, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monica Veloso Borges, Professora do Magistério Superior**, em 31/08/2022, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosani Moreira Leitao, Professora do Magistério Superior**, em 20/09/2022, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3147736 e o código CRC F68027AD.

Referência: Processo nº 23070.039419/2022-47

SEI nº 3147736

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido (PPGLL-FL-UFG)
Orientadora/Presidente

Profa. Dra. Mônica Veloso Borges (PPGLL-FL-UFG)
Membro interno

Profa. Dra. Rosani Moreira Leitão (PPGIDH-UFG)
Membro externo

Profa. Dra. Aline da Cruz (PPGLL-FL-UFG)
Membro interno – SUPLENTE

Prof. Dr. Shelton de Lima Souza (PPGLLI-UFAC)
Membro externo – SUPLENTE

Goiânia, 31 de agosto de 2022.

RESUMO: Nós, Xavante que moramos nas aldeias, já tivemos a educação natural desde os nossos antepassados. É o que aprendemos com a natureza. Essa educação mostrou muitas coisas boas que são transmitidas pelos nossos avós e bisavós. Aprendemos, principalmente, a respeitar uns aos outros, a valorizar crenças e a nossa cultura. Então, essa educação ou esses conhecimentos que temos hoje vêm dos nossos antepassados. Está tudo anotado e registrado para ser trabalhado na sala de aula, onde as nossas crianças aprenderão a valorizar esses aspectos também. Em dezembro de 1996, foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que dedica dois capítulos (78 e 79) ao ensino voltado para os indígenas. Nesse sentido, o ensino da língua e de conhecimentos de meu povo aplicado na Pedagogia Xavante pode fortalecer cada vez mais a educação intercultural. Conhecer e ensinar a sabedoria do povo Xavante na escola, de modo prestigioso, é contribuir com políticas de ensino da língua Xavante em contextos escolares de orientação intercultural e valorizar o patrimônio cultural e produzir novos conhecimentos para deixar para as futuras gerações. Por isso, nesta dissertação, apresentarei um estudo realizado com base na fundamentação pluriépistêmica defendida por estudiosos como Karajá (2015), Pimentel da Silva (2017) e Herbetta (2019), as quais se articulam com bases epistêmicas intraculturais do povo Xavante. Assim, minha pesquisa focaliza o processo educativo que se desenvolve ao longo de toda a vida do povo Xavante, ou seja, da pedagogia Xavante de cuidar, orientar e aconselhar, a qual é importante para o planejamento de ensino da língua na escola. Especificamente, minha dissertação trata das formas de transmissão do patrimônio cultural e linguístico que ocorre por meio dos processos de formação do homem Xavante.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Xavante. Cultura Xavante. Pedagogia Xavante. Formação do homem Xavante.

RESUMO: Wanōrihã A'uwe, daróbre 're iwahöimãñã dza'ra mõñõhã, te wamã 'rehöimãñã tsirõmõdza'ra wate wahöimãñã prédu waihu'udzéhã, wahi'rata hawi ihöimãñã tsiró róptsiré. Wanhimi rówaiuhu'udzéhã mãri ahö uptabinã wawate 'retsa'retsedza'ra wahi'rata nõri nhiné duré mãrinã dahöimãñã prédubnãhã, danhimidzadze ñã wamhã duré wahöimãñã dzébnã wamhã. Tahawa rówaihu ihöimãñã dza'ra mõñõhã wahi'rata nõri hawimhã wa ótó wate 'retsihötö dza'ra, wate ãmã rómhuridza'ra mõñõda rómnhörédzéb'ú ai'uté nõri dzémã te waihu udza'ra mõñõda dahöimãñã prédubdzé. Wahu 'rãtsutu ñã wahu 1996, ma pódó date ãmã rómhuridza'ra mõñõ dahã (LDB) remhã te watsu'ú (78 e 79) A'uwe mã te ãmã 're irómhuridza'ra mõñõ dahã. ãné rótsa'rata're A'uwe nhimi rówaiuhu'udzéhã mãdamé tsereni wate ãmã irómhuridza'ra mõñõ dahã, duré wahoimanadzé wate ãmã tsiptete dza'ra mõñõda, rómnhöré'wa wanuri dzémã tete tsa'retse dza'ra monoda wahöimãñã dzéhã wahi'rata hawi ihoimãñã dza'ra mõñõhã. Tahawa, ãhã wadza ãmã rówatsu'ú rómhuri ihöimãñã dza'ra tsiwadzari rówaihu ihöimãñã te ãmã irómnhöré dza'rahã Karajã wahu (2015), Pimentel da Silva (2017) duré Herbetta (2019), ãnõri maha waihu'ú petsedi A'uwe Uptabi höimãñã dzéhã. ãné, itehã rómhuri te tihöiba A'uwe uptabi te rówaihu'udzébnãhã ahödi ihöimãñã dza'ra mõñõhã wahöimãñã dzébrehã, duré niwamhã, wate pibuiwe dza'ra mõñõda, duré wate ãmã rówatsu'ú dza'ra mõñõda, duré imõri'rata uptabi wate ãmã irówatsu'ú dza'ra mõñõdahã rómnhöré dzéb'uhã. Ihöimãñã tsiró, wadza watsu'ú ihöimãñã dza'ra mõñõ wahöimãñã dzébrehã duré wamré 'remhã wamhã, duré ãmã 're iwatsi aibö dza'ra mõñõdzé.

PALAVRAS-CHAVE EM XAVANTE: A'uwe uptabi. A'uwe uptabi höimãñãdzé. A'uwe uptabi te rówaihu. A'uwe uptabi tsi aibö dzé.

Dedico meu trabalho e meu empenho ao meu povo Xavante, em especial ao meu povo da aldeia Sangradouro-MT, que sempre me deu apoio durante o meu curso de Mestrado juntamente com minha família, que torceu bastante todos os dias para eu concluir meu curso, sempre pensando no futuro para que pudesse realizar meu sonho embaixo do meu suor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus (*Danhimite-Höimãñá'u'ö*), pois desde o início, me guiou para que, com todo meu esforço, pudesse superar as minhas expectativas. E com a graça de Deus (*Danhimite e Höimana 'u'ö*), isso para mim já basta!

Agradeço à toda equipe do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (PPGLL-FL-UFG), que desde o processo de seleção até o final de meu curso me acolheu de forma muito profissional. Foi realmente uma excelente oportunidade para que eu pudesse aprender mais e mais sobre linguagem, língua e cultura de modo geral e sobre a minha cultura e língua, em particular.

Um agradecimento especial à minha querida Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva, que enquanto foi possível, trouxe-me segurança em uma orientação muito tranquila e séria. Estou sempre lembrando a fala dela, durante nossos encontros no meu primeiro ano de Mestrado. Todos os dias, lembro do conhecimento dela, que está bem guardado na minha vida, e que eu vou continuar construindo sozinho para poder ajudar meu povo Xavante. Nunca me esquecerei de minha primeira orientadora, a qual, pesarosamente nos deixou no dia 03 de maio de 2021. Saudades eternas, minha querida Professora Maria do Socorro. Descanse em paz nas mãos de Deus. Mais uma vez, agradeço!

Também agradeço à Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido, por ter dirigido seus conhecimentos para a orientação desta dissertação, após a partida da Professora Maria do Socorro. Obrigado pela grande paciência durante suas orientações em minha pesquisa e, por ter colaborado para ampliar minha visão sobre a minha língua materna, o Xavante, e a Língua Portuguesa.

À Profa. Dra. Mônica Veloso Borges, meu muito obrigado por ter trazido muitas coisas desconhecidas para mim, na disciplina Tópicos de Tipologia linguística, e por me indicado novos caminhos em minha formação acadêmica. Em especial, sou grato pelo cuidado comigo, pelo direcionamento, e pelas reuniões que realizou quando a Profa. Maria do Socorro nos deixou. Enfim, por ter me ajudado no encaminhamento da orientação de minha pesquisa para que a Profa. Gláucia pudesse assumir a orientação de meu mestrado. Também agradeço pela importante leitura da dissertação e dos comentários na sessão de qualificação do texto.

À Profa. Dra. Rosani Moreira Leitão, que, juntamente com a Profa. Mônica, estiveram na sessão de qualificação deste texto. Agradeço muito a todas as contribuições muito

importantes feitas pelas duas professoras. O texto ficou muito melhor após a leitura atenta que ambas fizeram.

Agradeço à Profa. Dra. Aline da Cruz (PPGLL-FL-UFG) e ao Prof. Dr. Shelton de Lima Souza (PPGLLI-UFAC) pela leitura de meu texto e pela participação na banca de defesa desta dissertação como membros suplentes.

Ao Professor Dr. André Marques do Nascimento, agradeço por todo ensinamento dado na disciplina Tópicos em Aspectos Socioculturais da Linguagem, e por ter contribuído para minha formação na área de Linguística. Vou sempre lhe agradecer por toda minha vida.

Também agradeço a todos e todas professores e professoras, que na pós-graduação e também na graduação (no âmbito do Núcleo de Formação Superior Indígena Takinahaky da UFG), me ensinaram todas as coisas até então desconhecidas para mim.

Agradeço aos meus colegas da pós-graduação Eneida Brupahi Xerente, Caetano Tserenhi'ru, José Uratsé e Almir Henori pelo companheirismo neste período de formação; também aos colegas da graduação Alfredo Rurehu Krikati, Michael Xavante, Edgar Urébété Xavante, Tewadure Karajá, como quem vivi muitos momentos bons.

Um agradecimento especial também aos meus amigos Ugise Kalapalo, Geovane Tseredze e Heron Wa'raíwi Aptsí'ré. Amizade eterna!

Agradeço imensamente à minha comunidade Xavante pelo apoio total ao meu ingresso no curso, bem como na conclusão dele. Em especial, agradeço ao meu povo Xavante da aldeia Sangradouro, em Mato Grosso.

Agradeço profundamente à minha família que me apoiou durante toda minha trajetória: aos meus pais, Henrique Tserewarutuwe e Rita Tsadaptiwe, pelo cuidado todos os tempos; à minha esposa, Maria Mazarelo Tsinhõtse'é'ré, aos meus filhos Eusébio Tseré'urã wa'awe, Euricko U'ratawe wa'awe, Antônio Gercino wa'awe e às minhas filhas Eloisa 'Redari wa'awe, Antônia Pe'urai'õ wa'awe, Sula Ró'ónhõdza wa'awe, Ecíla Alvana Peniwi wa'awe; à minha nora Deuziane Pemãpraba Temrité e aos meus netinhos 'Rãimriwe e Uiré'éné; aos irmãos, Serafina, Elias, Teresa, Fábio, Margarete, Lerinda, Jussara, Maria Concita e Valdeir, que sempre me apoiaram em tudo; aos meus cunhados Davi, Daniel, Xisto (já falecido), Agnaldo, Aldemir e Lázaro; aos meus sobrinhos Sidnei, Dalcides, Markios, Fortinele, Douglas, Karen, Felizberto e Neiva, pelo carinho de sempre, o incentivo e por compreenderem as minhas ausências durante o curso de mestrado.

Por fim, agradeço aos colaboradores de minha pesquisa, Alexandre Tsereptsé, Martinho Tsire´edi Tsawéwa, José Mauro Tseredumã, Valériano Rãiwí´a Weréhité e Oswaldo Buruwe Mārãdzuhö. Sem eles, essa pesquisa não teria acontecido. Agradecimento eterno!

Enfim, a todos e todas, inclusive aos não mencionados aqui, meu muito obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	19
1. A HISTÓRIA DO MEU POVO	19
1.1. <i>Wahã a'uwe uptabi: eu sou um Xavante verdadeiro/autêntico</i>	19
1.2. A minha história.....	20
CAPÍTULO II	27
2. A CULTURA INDÍGENA E OS RITUAIS TRADICIONAIS NA FORMAÇÃO DO HOMEM XAVANTE	27
2.1. As brincadeiras do povo Xavante	27
2.2. As festas do povo Xavante.....	29
2.3. A furação de orelha.....	36
CAPÍTULO III	40
3. FUNÇÕES SOCIAIS DA LÍNGUA XAVANTE NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO FORMAL ESCOLAR NA ALDEIA SANGRADOURO	40
3.1. A língua do povo Xavante	40
3.2. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA SANGRADOURO – MT	46
3.2.1. Breve histórico da educação escolar Xavante na Aldeia Sangradouro	46
3.2.2. Relato de experiências como aluno na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro	49
3.2.3. O sonho de atuar como professor na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro	57
3.2.3.1. A busca por novos conhecimentos para transmitir aos discentes	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Nessa dissertação de mestrado, apresentarei um estudo que comecei a realizar sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva. Por isso, sinto necessidade de iniciar narrando um pouco do como foi o início dessa tão importante etapa de minha vida e da qual fez parte a minha querida e saudosa professora e orientadora Maria do Socorro.

A minha primeira aula ocorreu no dia 16 de março de 2020. Nos contatos com minha querida orientadora, ela sempre me falava para não desanimar, quando as dificuldades com o curso ou de ordem financeira se apresentavam e, nessas ocasiões, recebi dela apoio total para conseguir realizar meu sonho, pois ela conversava muito comigo.

Parte das nossas conversas ocorreram ainda presencialmente, antes mesmo do início das aulas das disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (PPGLL-FL-UFG). Era fevereiro, um mês em que, aqui no Brasil, ocorre uma grande festa de Carnaval.

Em março, porém, começamos a ter notícias de uma das doenças mais perigosas do mundo havia chegado ao Brasil, a Covid-19. Logo depois, a Organização Mundial de Saúde anunciou que a doença estava em situação de pandemia, de modo que, a partir daí, não tivemos mais aulas presenciais. Foi um momento muito triste e de muita apreensão, porque não se sabia muito sobre essa doença, mas que ela tinha alto grau de transmissão e, por isso, era necessário que todos se isolassem em suas casas para evitar a contaminação e mortes que cada dia mais aumentavam muito.

A Covid-19 prejudicou o mundo inteiro e complicou muito a vida das pessoas. O Governo do Estado de Goiás suspendeu as aulas e todo mundo ficou esperando 15 dias pelo retorno das aulas, mas a doença continuava se espalhando, não diminuía de jeito nenhum. Infelizmente, as mortes cada vez mais aumentavam e chegava a todos os lugares do Brasil e do mundo, inclusive até às nossas aldeias, matando muitas pessoas de meu povo, não só meus parentes Xavante, mas muitos outros irmãos indígenas de outras etnias também foram contaminados e faleceram.

Quando apareceu a doença nas aldeias, a minha comunidade sofreu muito porque houve mortes de membros queridos da família. Eu também sofri muito, porque muitos amigos da aldeia Sangradouro e também de outras aldeias foram vítimas da Covid-19. Eu particularmente

sinto muito saudade dessas queridas e lembro como sofri toda vez que ouvia a notícia sobre a morte de algum Xavante. Ainda mais porque a nossa aldeia Sangradouro é distante pelo menos 60km da cidade de Primavera do Leste, em Mato Grosso. As pessoas doentes iam lá para se tratarem. Isso causava muito preocupação em todos que ficávamos isolados na comunidade à espera de notícias.

Além da preocupação com as pessoas doentes, quando se iniciou o período de isolamento, tudo ficou muito parado, pois ninguém podia sair da aldeia para ir à cidade para fazer compra. As crianças não podiam sair para brincar ou ir a qualquer lugar. Fomos proibidos de fazer nossas festas tradicionais.

A Covid-19 cada vez mais ia aumentando nas aldeias. Na aldeia Sangradouro, todos usavam máscaras para se proteger dessa doença, mas não resolvia muito, porque a Covid-19 seguia matando as pessoas sem parar. Quando ouvi a notícia sobre a morte de parentes do povo Xavante, fiquei muito triste e muitas vezes chorei. A Covid-19 se espalhava por todos os lugares, por isso, tínhamos que ser cuidadosos o tempo todo conosco e com outros para preservar as nossas vidas.

Quando as pessoas morreram na minha aldeia, todos sofreram e ficamos respeitando a morte da família, ou seja, vivíamos o período de luto. Nesse período, todo mundo fica em silêncio e raspa os cabelos em sinal de luto. Esse corte de cabelo é sagrado e é uma tradição do povo Xavante nos momentos de luto. Isso foi o que aconteceu na minha aldeia. Foi um período de grande tristeza também para nós quando as mortes de nossos parentes do povo Xavante da aldeia Sangradouro aconteceram por causa dessa terrível doença.

A equipe de saúde da aldeia sempre acompanhou a comunidade durante os primeiros meses da pandemia. É responsabilidade dessa equipe cuidar da saúde indígena, porque é obrigação deles proporcionar tratamento de saúde para nosso povo. Isso é feito, por exemplo, pelo técnico de enfermagem, que é um indígena da própria aldeia. Na aldeia Sangradouro, a Covid-19 matou muitas pessoas, que não tinham tomado a primeira dose da vacina contra o vírus, e também porque antes disso nem havia vacinas para proteger nosso corpo. Por causa disso, muitas pessoas morreram não só em nossa aldeia, mas também nas cidades, incluindo muitos brancos (*waradzu*). Realmente, muitos brasileiros partiram por causa dessa triste doença.

Algum tempo depois, o então governador de Goiás, Ronaldo Caiado, resolveu juntamente com as orientações recebidas do Ministério da Educação, decretar o recomeço das aulas nas redes de ensino em todos os níveis. Para preservar a saúde de todos, as aulas deveriam

ocorrer no modo remoto, pois o Ministério da Saúde estava muito preocupado, em especial com as pessoas acima de 50 anos ou mais.

Na Universidade, ainda ficamos mais 40 dias sem aula e, enquanto isso, fiquei esperando o resultado, ou seja, se teríamos aulas, mas o número de óbitos pela Covid-19 aumentava cada vez mais no Brasil inteiro e até nas aldeias indígenas. Ficou tudo muito complicado para voltar às aulas presenciais. O governo proibiu o retorno presencial das aulas e ficou decidido em todos os Estados que a educação continuaria sendo dada de forma remota.

Por causa de meu curso, eu havia ido para a capital do Estado de Goiás, onde fiquei até 19 de maio de 2020. Após a decisão de aulas continuarem em modo remoto, decidi voltar para junto de minha família, que estava vivendo no município de Catalão, também no Estado goiano.

Meu filho, na época, era aluno da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), na área de saúde. Ele cursava Enfermagem. Eu fiquei junto com ele até fim do ano, porque a aula não retornava ao modo presencial, por causa de Covid-19. Para frequentar as aulas remotas, a minha orientadora sempre me acompanhava por meio das redes sociais. Ela e eu conversávamos por celular. Era assim que eu esclarecia com ela dúvidas sobre o meu estudo e o curso das disciplinas. Eu fiquei muito feliz durante essa etapa de meu curso de mestrado, porque durante as conversas a gente brincava bastante e interagia sobre os meus conhecimentos e também de outros colegas de estudos, dos conhecimentos dos professores. Era bastante troca de experiências e de cultura.

Em 03 de fevereiro de 2021, voltei para minha casa no Estado de Mato Grosso. Minha casa fica na Aldeia Sangradouro. Fui para lá realizar minha pesquisa de campo, e minha querida orientadora sempre me acompanhando, em reuniões remotas. Assim, a Profa. Maria do Socorro orientava meu trabalho para corrigir alguns erros na grafia das palavras da Língua Portuguesa. Nós estávamos preparando o texto para a qualificação do meu projeto de pesquisa para que fosse lido por um parecerista externo (um leitor crítico, um avaliador) ao nosso programa de pós-graduação.

O texto foi enviado ao leitor crítico para que fizesse a avaliação do projeto. Logo depois, a Profa. Maria do Socorro me passou a notícia boa sobre a aprovação de meu projeto pelo parecerista externo ao (PPGLL-FL-UFG). Eu fiquei muito contente na ocasião, pois ela me chamou nas redes sociais para me dar a notícia. Infelizmente, foi a nossa última conversa nas redes sociais. Era uma segunda-feira, 15 de março de 2021, e conversamos das 11:23 até as 15:09. Depois disso, vi a notícia de que ela iria tomar medicamento por estar se sentindo mal.

Infelizmente, ela não mais falou comigo, pois precisou ser internada em um hospital para fazer tratamento contra a Covid-19.

Muitas vezes fiquei com muita saudade da querida Profa. Maria do Socorro e estava muito preocupado com ela, porque muita gente estava morrendo no Brasil. Então, eu me lembrei de uma estudante de Doutorado do PPGLL-FL da UFG, que era ajudante de minha orientadora, a Marina Cardoso Mesquita. Entrei em contato para que ela sempre me passasse notícias sobre o estado de saúde de nossa professora. Na terça-feira, 27 de abril de 2021, Marina me passou uma notícia preocupante: a situação de nossa orientadora estava se complicando, embora ela continuasse tomando medicamentos no hospital.

Depois disso, foram dias de muita esperança, mas também de imensa preocupação, porque às vezes as notícias eram a de que a Profa. Maria do Socorro estava melhorando, outras vezes vinham notícias de que o quadro dela havia piorado. Eu sempre fiquei pensando que ela iria melhorar, pois eu achava que ela merecia viver. Por isso, quando ela ficou no hospital fiquei muito triste.

Então, na segunda-feira, 03 de maio de 2021, a querida Profa. Maria do Socorro faleceu. Infelizmente, ela havia entrado para o número de vítimas da Covid-19. Foi grande tristeza para todos nós, familiares, estudantes, professores(as) e outros colegas, porque ela é um dos nomes mais conhecidos da Universidade Federal de Goiás. Foi a Marina que me deu a notícia de que a nossa querida Profa. Maria do Socorro não havia resistido à terrível doença. Eu realmente fiquei muito, muito triste.

Ela era a minha orientadora e eu a considerava como uma mãe. Eu ficava lembrando da última vez que conversei com ela e de como a gente brincava e trocava ideia, antes de aparecer essa doença tão grave e perigosa. Por vezes, me sentia muito só relembrando as nossas conversas e ficava pensando o que aconteceria na minha vida sem a importante presença dela. Afinal, para mim, foi a melhor professora que tive. Ela tinha muita paciência para ensinar e orientar a pesquisa. Além disso, a Profa. Maria do Socorro era uma guerreira, lutadora, sonhadora, conquistadora, fundadora da Educação Intercultural na UFG e, principalmente, era uma grande amiga dos povos indígenas. Ela deixou um grande legado e, em mim, a vontade de me esforçar cada vez mais durante o curso de mestrado.

Depois que minha querida finada Profa. Maria do Socorro Pimentel da Silva se foi, a então Coordenadora do PPGLL-FL-UFG, Profa. Elena Ortiz Preuss, juntamente com a Profa. Mônica Veloso Borges, que era a pessoa mais próxima de minha primeira orientadora,

convidaram a Profa. Gláucia Vieira Cândido para assumir o processo de orientação de meu projeto de mestrado. Então, consegui, ao lado de minha segunda orientadora, retomar meus estudos direcionados inicialmente pela querida profa. Maria do Socorro.

E, então, chegamos até aqui, momento em que apresento minha dissertação de mestrado. Além de todas as dificuldades causadas pela pandemia, especialmente a tristeza pela perda de pessoas tão amadas, houve também outras questões relativas à pesquisa que tornaram minha luta não muito fácil durante o curso de mestrado. Em especial, destaco as dificuldades com a Língua Portuguesa. Entretanto, também tenho vencido essa barreira com apoio da Profa. Gláucia e de outros docentes da UFG, além de meus parentes, que me ajudaram na pesquisa e na produção final desta dissertação, a qual passo a apresentar agora.

Embora o Artigo 210 da Constituição Brasileira reafirme a imposição da língua portuguesa no ensino fundamental, esse dispositivo legal assegura às comunidades indígenas a possibilidade de também utilizar, nas escolas, suas línguas maternas e seus processos próprios de aprendizagem. Trata-se de uma primeira sinalização de mudança no planejamento de *status* das línguas indígenas, com a abertura para o seu uso como meio de instrução, formação, valorização do patrimônio cultural e produção de novos conhecimentos em contextos de bilinguismo.

Em dezembro de 1996, foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que dedica dois capítulos (78 e 79) ao ensino voltado para os indígenas. A LDB estipula que a União deve desenvolver programas de ensino e pesquisa para oferecer educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com o objetivo de promover a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e seus conhecimentos tradicionais.

Para que esse plano se consolide, torna-se necessário que nós, professores indígenas, busquemos bases de fundamentação pluriépistêmica, como afirmam os estudiosos Leandro Lariwana Karajá (2015), Maria do Socorro Pimentel da Silva (2017) e Alexandre Herbeta (2019). Essas bases teóricas devem estar articuladas a outras bases de cunho epistêmico intracultural do povo Xavante, as quais consistem no processo educativo que se desenvolve ao longo de toda a vida.

A fundamentação pluriépistêmica foi muito importante para meu processo de formação no mestrado. Por meio dela, muitas coisas desconhecidas para mim foram mostradas durante da minha pesquisa, porque cada sociedade tem vários conhecimentos tradicionais sobre línguas,

linguagem e cultura. Tudo isso deve ser respeitado e levado em consideração dentro de uma proposta pluriépistêmica.

Entre nosso povo, os primeiros educadores são os pais, juntamente com os avós paternos e maternos; aos poucos, a tarefa de ensinar vai se estendendo aos tios do mesmo clã. Nessa fase, as crianças estão mais voltadas para a sua família do mesmo clã. Sobre os clãs do povo Xavante, eles sempre ficam no meio do povo, porque sem clãs a nossa cultura não existe e isso complica tudo na comunidade. Por exemplo, eu sou do clã *Öwawê*, casado com uma mulher do clã *Pö' redza' õnõ*. Eu não poderia casar com alguém do mesmo clã, porque isso desconsideraria a cultura tradicional do povo Xavante, a qual até hoje segue a regra nativa muito forte e sempre viva em nossa aldeia. Na cultura Xavante, todos pertencem a um clã.

Os clãs do povo Xavante são muito importantes em nossa cultura e seguimos respeitando a cada dia e que vem sendo passado de geração em geração. Os clãs são tão importantes para nós que são considerados como parte da educação da nossa cultura nativa. Entre os clãs figuram sempre divididos durante grandes festas dos Xavante, como casamentos, a luta de raiz, a luta corporal, a corrida de tora e as danças.

Por causa da divisão do povo em clãs, as festas dos Xavante são muito organizadas, pois como vou explicar com mais detalhes mais adiante nesta dissertação, há muitas regras envolvendo os clãs. Por exemplo, pessoas de um mesmo clã não podem conversar com quem é do outro clã ou mesmo o namoro entre clãs diferentes pode acontecer.

Essas são regras do povo Xavante, ou seja, por causa da divisão em clãs, como eu já havia falado, os membros do clã podem conversar normalmente com pessoas de outro clã. Por exemplo, quem é do clã *Öwawê* pode conversar ou se casar apenas com quem é do clã *Pö' redza' õnõ*. Enfim, tudo deve ser feito de forma cruzada para se casar. Hoje em dia, essa cultura tão importante está firme no meio do povo Xavante. Os clãs são o caminho do respeito pela cultura tradicional.

Durante a fase de *wapté* (adolescente), toda a comunidade se preocupa com a educação dos adolescentes até a fase de *'ritei' wa* (rapaz), pois essas duas fases são importantes na vida dos Xavante, porque é o momento de aprendizagem da cultura e da tradição cultural. A última fase da educação é *pós-danhõhui' wa* (padrinhos dos adolescentes), que chama de

*prédzamrői'wa*¹ (veteranos), que é considerado já *iprédu* (“homem adulto”). A formadora desses *Prédzamrői'wa* é a comunidade da aldeia.

Este estudo tem como base epistêmica a pedagogia Xavante de cuidar, orientar e aconselhar, a qual é importante para o planejamento de ensino da língua na escola. Essa abordagem encontra respaldo na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, criada em dezembro de 1996, na qual dois capítulos (78 e 79) tratam do ensino bilíngue e intercultural voltado aos índios. Nessa perspectiva, defendo que a língua materna do povo Xavante precisa alcançar mais prestígio na escola, pois ela é rica e poderosa. É a língua da afirmação étnica e da transmissão do patrimônio cultural e linguístico às gerações mais jovens. Uma dessas formas de transmissão ocorre por meio dos processos de formação do homem Xavante, um tema sobre o qual me sinto mais seguro para falar, por se tratar da formação masculina.

Para esclarecer ainda mais esse pensamento, vou apresentar, de forma mais didática e ilustrada, cada fase da formação do homem Xavante. Esse conhecimento, articulado com outras bases epistêmicas, vai contribuir para sanar desafios da educação intercultural Xavante e também para com o processo de formação do homem Xavante.

A minha pesquisa sobre a Educação Xavante, com foco no uso da minha língua materna e no uso da língua dos não-índigena, o Português, tomou como base teórica as leituras realizadas nas disciplinas que cursei no mestrado e também indicações feitas pelas minhas orientadoras e também pesquisei em livros da escola de minha aldeia e em material disponível na internet.

Assim, estudei textos escritos sobre o meu povo e outros povos irmãos, a nossa língua e outros aspectos importantes, tais como os trabalhos realizados por Oliveira (2007), Gomide (2011) e Nikulin (2020). Também li textos sobre a formação intercultural de outros povos indígena, como o importante trabalho de Tapirapé (2020), além de outros textos sobre Educação Indígena e Intercultural, como a Constituição de 1988 (BRASIL, 2016). Também fiz leituras

¹ Nesta dissertação, as palavras da minha língua estão sendo grafadas, conforme a escrita da língua Xavante usada nas Terras Indígenas São Marcos e Sangradouro. Essa grafia baseia-se nos trabalhos realizados pelos padres salesianos, os quais fizeram uma gramática e um dicionário da língua Xavante. Até hoje estamos usando essa grafia (com influência do Alemão) e, por isso, em nossa escrita, utilizamos muitos sinais gráficos herdados das propostas de escrita dos trabalhos produzidos pelos padres salesianos. O missionário salesiano Padre Georg Lachnitt realizou trabalhos com os Xavante entre os anos de 1972 e 1987, desenvolvendo pesquisas para a produção de dicionários e gramáticas Xavante e outros materiais didáticos em língua indígena para as escolas indígenas Xavante. Esses trabalhos foram revisados pelo Mestre Adalberto Heide e Padre Bartolomeu Giaccaria (ambos alemães e, por isso, influenciaram a escrita Xavante).

importantes para a realização de minha pesquisa, como Karajá (2015), Pimentel da Silva (2017) e Herbetta (2019).

Como metodologia de pesquisa, para buscar informações sobre a cultura, conhecimentos tradicionais e a educação formal de meu povo, além de minha própria experiência de vida como aluno e como professor da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro, localizada no município de General Carneiro, em Mato Grosso, Brasil, realizei entrevistas com anciões, adultos e crianças. Também fiz gravações e tirei fotos dos participantes da pesquisa, além de fazer a observação da rotina da escola, quando fiz muitas anotações na língua Xavante e também na Língua Portuguesa para não esquecer nada.

Todas as fases da pesquisa foram registradas: são as fotos, anotações à caneta. Tudo está guardado no cartão de minha memória, mas também guardo meu trabalho no Pen drive, porque tudo foi gravado e registrado pelo celular. Toda participação dos colaboradores da pesquisa foi registrada: as conversas com os anciões e cada passo para fazer as entrevistas com os velhos, as festas, as reuniões deles no *Warã*, as danças, o processo de ensinar a fazer a pintura corporal, o canto Xavante, as orientações dos velhos para incentivar o conhecimento de nossa cultura tradicional, o ouvir história antiga, o aprender como participar da luta de raiz (óí'ó), o modo como e quando usar os adornos Xavante. Assim realizei minha pesquisa.

Com base nesse referencial teórico e na metodologia adotada para a pesquisa, fiz o levantamento da história de meu povo, em especial, do que vive em Sangradouro, Estado de Mato Grosso, e sobre o que passo a falar nas próximas seções. Dessa maneira, esta dissertação organiza-se, primeiramente, com a apresentação do meu povo e de mim mesmo como um “Xavante verdadeiro/autêntico”. Na mesma seção, falarei também sobre a minha língua materna, porque, na pedagogia Xavante, o uso de nossa língua é muito importante, juntamente com o uso da segunda língua, o Português. Na sequência, falarei sobre a escola indígena de minha aldeia e de minha experiência como aluno dela e a importância da pedagogia Xavante para outras experiências para além dos limites da Aldeia Sangradouro. Por fim, apresento as minhas considerações finais, porque essa pesquisa ainda precisa ser avançada, e as Referências Bibliográficas feitas em todo texto.

CAPÍTULO I

1. A HISTÓRIA DO MEU POVO

1.1. WAHÃ A 'UWE UPTABI: EU SOU UM XAVANTE VERDEIRO/AUTÊNTICO

O meu povo, o que chamamos de “povo verdadeiro”, é conhecido entre nós como *A'uwe uptabi*, e pelos não indígenas como o povo Xavante. Ou seja, nossa autodenominação é *A'uwe Uptabi*, ‘povo verdadeiro’, em que a palavra *A'uwe* significa ‘gente/povo’. Somos um povo muito antigo, pois existimos há muito tempo nas terras brasileiras, muitos anos mesmo antes de nascer meu avô chamado Ari Bueno *Rupawe* e minha avó Maria Rofina *Pe'urai'õ*, o pai e mãe do meu querido pai Henrique *Tserewarutuwe* e também o pai e mãe da minha mãe chamando *Tsere'rurémé* e *Pedzarinã*, então, na verdade a origem do meu pai e minha mãe são puro Xavante.

Eu me lembro da história antiga, quando meu pai contava narrativas para nós sobre o povo Xavante que viveu antes de nós e de quem se originaram os meus avós. Segundo essas narrativas, os Xavante chegaram ao Mato Grosso, entre 1817 e 1820. Nessa época, eles teriam se afastado de outros povos indígenas que vivem na região Norte do antigo território goiano, os Xerente. Em meados do século XIX, os Xavante antepassados cruzaram para o lado oeste do rio Araguaia.

Essa história me emociona todos os dias. Nunca esquecerei da minha vida, da separação dos dois povos que fez com que nós, os Xavante, ficássemos em regiões do Mato Grosso, enquanto os Xerente permanecessem pacificamente rodeados de colonos no norte de Goiás. Lembro também que isso deu origem a muita especulação romântica sobre as razões do afastamento dos Xavante, mas esse não é o tema de minha dissertação e, por isso, não vou tratar desse assunto aqui. Importante dizer, então, que os Xavante vivem atualmente no Estado de Mato Grosso, Brasil. Na Figura 1, a seguir, temos a localização das terras do povo indígena Xavante:

FIGURA 1: Localização das Terras Indígenas Xavante – Mato Grosso – Brasil.

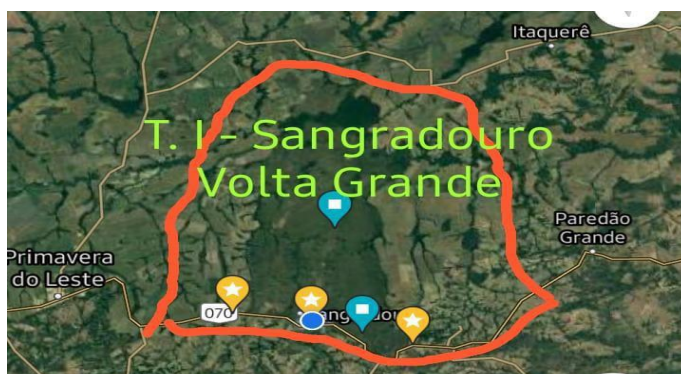
Meu nome oficial no Registro Geral (RG) e em outros documentos, como eu já disse, é Antônio Luiz Wa´awe, mas quando eu era pequeno, todo mundo me chamava de *Watsiró*. Esse nome me foi dado porque, quando nasci, já havia em minha boca dentes. Eram dois (2) dentes que ficavam bem na parte inferior da boca. Desde então, me deram esse apelido, ou seja, o menino que já nasceu com dentes (*Watsiró*: dente natural).

Sobre isso, um dia perguntei para minha mãe: “Mãe, será que é verdade meu nome ser *Watsiró*?” e ela me disse: “Não filho, não é seu nome”. Então, eu disse: “Mãe, qual é meu nome de verdade?” e ela respondeu: “Seu nome é Antônio Luiz Wa´awe”. Então, falei: “Tá bom, mãe, eu só queria saber mesmo.” Então, minha mãe diz: “Não se preocupe, filho, é seu nome próprio”. Eu respondi: “Ok! Mãe, obrigado!”.

Assim foi que me deram o nome, minha mãe e meu pai, juntamente com a comunidade da aldeia Sangradouro-MT. Então, na verdade, primeiro me chamaram *Watsiró*, principalmente minha família, só depois meu nome que está em documentos foi espalhado. Enfim, os mais próximos de mim seguem me chamando de *Watsiró*.

Continuando a falar sobre mim, eu nasci no dia 26 de junho de 1981, quando a minha família morava na aldeia Dom Bosco, que fica no Município de Poxoréu, no Estado de Mato Grosso. De 1979 a 1984, a minha família morou nessa aldeia até a manhã do dia 04 de abril de 1984, quando fizemos nossa mudança para a aldeia Sangradouro, chamada na língua Xavante de *Tsõ´rehipãri*, situada no município de General Carneiro, também no Estado de Mato Grosso. A seguir, há duas fotos de nossa aldeia. Na primeira, temos a localização de nossa aldeia em relação a outras aldeias; na segunda, temos uma vista aérea de nossa comunidade.

FIGURA 2: Mapa da localização da Aldeia Sangradouro – Mato Grosso - Brasil.



Fonte: Foto de Divino *Tserewahu Tsereptsé*, 2001.

FIGURA 3: Vista aérea da Aldeia Sangradouro-MT.



Fonte: Foto de Divino *Tserewahu Tsereptsé*, 2001.

Quando eu era criança e tinha entre um e quatro anos de idade, primeiramente, eu aprendi a falar a língua materna. Naquele tempo, comecei a ouvir os gritos dos pássaros, o som da água, dos ventos balançando as árvores iluminadas à noite pelo brilho das estrelas. Na mesma época, também escutava os anciões conversando sobre a história antiga de nosso povo. Abaixo, reproduzo foto de um exemplo de situação em que os anciões se reúnem no centro da aldeia:

FIGURA 4: Foto de anciões reunidos no centro da Aldeia Sangradouro – MT.



Foto: Arquivo próprio, 2021.

Eles contavam todas as coisas que haviam acontecido no passado remoto e recente de nossa história. Na infância, também vi muitas reuniões para organizar as festas e o planejamento de como iria acontecer no centro da aldeia o *Warã*. A seguir, mais uma foto de reuniões para

discutir os eventos da comunidade Xavante:

FIGURA 5: Foto de anciões reunidos no centro da Aldeia Sangradouro - MT.



Foto: Arquivo próprio, 2021.

O centro da aldeia é um lugar sagrado porque só os velhos/anciões ficam no *Warã* para organizar as festas e dar conselhos aos *prédzamrõi'wa* (pós-padrinhos), para que estes possam também dar conselhos, dentro do *Warã* (Assembleia Tradicional Xavante), em que todos devem estar presentes. Nós, adultos e mais jovens estamos respeitando lugar especial que se chama *Warã*. Às vezes, eu era criança, a gente brincava de peteca *tóbda'é* ou participava da luta de raiz *oi'ó*, no centro da aldeia. Mas quando acontece o grande ritual é proibido brincar qualquer brincadeira. Os velhos não aceitam, porque essas brincadeiras são livres. A brincadeira de peteca não é obrigatória na comunidade ou mesmo existem regras de quando ela pode acontecer. Ou seja, quando as crianças querem brincar com peteca, elas podem fazer isso à vontade no meio da aldeia, isto é, para a brincadeira acontecer depende apenas do desejo das crianças. Por outro lado, a luta de raiz (*ói'ó*) faz parte da ritual do povo Xavante e, para ocorrer, depende de alguma organização prévia. Isto é, a luta de raiz acontece só quando há autorização dos velhos.

Aqui introduzo algumas diferenças sobre a ocorrência da brincadeira de peteca (*Tóbda'é*) e da luta de raiz (*Ói'ó*). Há mais diferenças entre os eventos tradicionais de meu povo, conforme voltarei a tratar em abordagem mais detalhada nas seções adiante

As fases de idade do menino (*watébrémi*) ocorrem entre 1 a 10 anos e, depois, de 15 até 17 anos. Nessas fases, participar da luta de raiz (*ói'ó*), que é a luta dos meninos, é muito

importante, pois nós, os Xavante, consideramos essa luta como o primeiro passo da educação do povo *A'uwe Uptabi* (Povo Verdadeiro).

Dos 18 aos 20 anos de idade, temos as fases consideradas da adolescência (*wapté*). Quando ainda é *wapté* (adolescente), o Xavante vive cinco anos na casa de *Ho*, (ou seja, a Casa de Adolescente) e lá ele fica até o momento de furar a orelha. Quando passar a furação, então ela já não é mais considerado adolescente. Daí virão outras fases, em que ele viverá como novo adulto (*dahi'wa*).

Dos 25 aos 30 anos temos a penúltima fase etária do homem. Entre 36 e 40 já é a fase em que os homens podem ser padrinhos (*Danhõhui'wa*). Depois disso, temos a fase de adulto (*Prédzamrõi'wa*), que vai entre 46 a 50 anos. Nessa fase, o homem pode participar de qualquer evento e estar em quaisquer lugares, como o *warã* e também pode ajudar a organizar as festas juntamente com os anciões/velhos (*Iprédu e Ihi*).

Assim funcionam as fases da formação do homem Xavante, as quais estamos passando de geração em geração. Neste texto, busco apresentar esses processos de formação do homem Xavante, sobre o que, como já disse na introdução desta dissertação, me sinto mais seguro para falar, já que vivi cada passo da formação masculina em várias fases de minha vida.

Processos educativos na escola são o melhor caminho para as crianças, os jovens e os adultos do povo Xavante. Trata-se de uma ajuda muito importante para a comunidade da aldeia indígena, principalmente, para os pais dos alunos. Na escola, as crianças e jovens aprendem a ler e a escrever. Além disso, os professores ensinam outras coisas importantes na sala de aula, pois compartilham conhecimentos diversos e formas de manifestar respeito ao outro dentro e fora da sala de aula. Por isso, do processo educativo na escola, família e a comunidade escolar trabalham juntos.

O processo educativo na escola, ou seja, as ações de orientar e aconselhar os alunos, é muito importante para o planejamento de ensino da língua materna e da língua portuguesa, que precisam alcançar mais prestígio na escola. Afinal, essa instituição social exerce um papel de inegável importância no ensino e aprendizagem das línguas portuguesa e materna, conforme observado em minha pesquisa.

A preferência pela língua materna é evidente em diversos momentos da vida cotidiana, na minha comunidade, é da escola o papel de ensinar a Língua Portuguesa para a sociedade indígena. Isso é feito como parte da formação intelectual, de personalidade, que possibilita o conhecimento teórico e prático, que aparece nos discursos que procuram construir e fortalecer

a nossa identidade de ser indígena Xavante.

Enfim, os processos educativos na escola vieram complementar outros conhecimentos, pois fortalecem mais a personalidade individual de cada um. Além disso, facilitam a leitura do universo na situação vivida atualmente. Pensando nestas questões, decidi investigar os aspectos linguísticos e culturais no processo de formação do homem Xavante na aldeia Sangradouro, localizada no Estado de Mato Grosso, no Brasil.

Vou falar um pouco sobre os processos educativos no *Warã*, ou seja, a Assembleia Tradicional do povo Xavante, na qual apenas anciões/adultos (*Iprédu/Ihi*) ficam no centro da aldeia. O *Warã*, o conselho dos homens, acontece mesmo antes que os primeiros raios de sol surjam no horizonte. Então, um dos homens maduros consegue deixar o conchego de sua cama e se dirigir para o centro da aldeia, o *Warã*.

O primeiro a chegar ao centro da aldeia inicia os chamados agudos que convocam os demais a se unirem a ele. Os chamados cessam assim que um ou dois outros chegam e a aldeia acorda sob o fundo sonoro das vozes baixas dos homens, enquanto o leve murmúrio de sua discussão emana da praça.

De acordo com o depoimento do ancião *Tóp'tiró a Öwa'u Ruri'õ*, disponível no site da Associação *Warã* (2022), os homens maduros reúnem-se diariamente no *Warã*, uma vez pela manhã, outra vez à noite. Ali discutem abertamente os eventos que afetam a comunidade.

O *Warã* já existia antes dos nossos avós e nossos pais. É um evento nativo que serve para fazer planejamento das festas todos os anos e todos os dias, acontecendo sempre no meio da aldeia. Como eu já disse, apenas os velhos discutem as coisas importantes sobre a organização da festa, a fim de que tudo ocorra bem antes de a grande festa começar, planejam por exemplo como ocorrerão a dança, a corrida de tora, a luta corporal e outras atividades.

Os velhos são marcadores ou organizadores da festa e todas as etapas desse evento estão guardadas em suas memórias há tempos: os gritos de pássaros, os ventos, os gritos de outros animais. Tudo isso é muito interessante, porque sempre pensamos em nossa vida relacionando-a com a força da natureza.

Importante observar que, mesmo antes de existir caneta, televisão, gravador, rádio amador, internet, celular, enfim antes de haver essas tecnologias atuais, nossos velhos já tinham bem guardada a nossa cultura milenar, de modo que até hoje da mesma forma que no passado tudo está arquivado em suas memórias, ou seja, cada passo da festa.

O *Warã* é um dos principais exemplos da Pedagogia Xavante, além de ser sagrado. Como disse, só homens participam, pois nele é proibido a presença de pessoas menores de idade, meninos ou meninas (*watébrémi* ou *ba'õnõ*) ou de mulheres adultas (*pi'õ*). Apenas padrinhos (*danhõhui'wa*), pós-padrinhos (*prédzamrõi'wa*) e anciões/adultos (*iprédu/ihi*), participam do *Warã*. Contudo, é um evento que faz parte da educação tradicional. Hö é muito importante da cultura do povo Xavante, porque, a casa dos adolescentes (Hö) é o lugar mais respeitado e considerado da aldeia juntos da comunidade, dentro da casa os adolescente aprendem muitas coisas sobre educação tradicionais e conhecendo a história antiga e várias coisas encontraram que existe a realidade da nossa tradição.

Dessa forma, apresento a comparação entre os processos educativos na escola e os processos educativos no *Warã* e vimos que há diferenças, porque na escola as crianças, os jovens e os adultos aprendem a leitura, a escrita, já, no *Warã*, também há muito aprendizado, mas apenas os homens Xavante participam desse evento. Ao meu ver, ambos são importantes processos de educação para meu povo, tanto a escola como o *Warã* transmitem muito conhecimento tradicional para ser repassado e vivido todos os dias pelo meu povo.

Durante da minha dissertação no começo do curso de mestrado no ano 2020, juntamente com a ex-professora: Maria do Socorro Pimentel da Silva (falecido), conheci muitas coisas sobre 'Bases Epistêmicas Intracultural' e 'Bilinguismo Epistêmico'. Depois de muitas ações

desenvolvidas nesses anos do projeto, a autoestima alcançada pelos Xavante é o mais importante.

De qualquer forma, reverter o declínio de uma língua requer muito esforço de todos os envolvidos. Além disso, é preciso pensar que a vitalidade de uma língua está simbolicamente ligada a nossa cultura Xavante. O importante é que o Xavante sinta dignidade e prestígio ao falar, ler e escrever em língua materna. Nesse sentido, é necessário buscar referências de letramento que correspondam a programas de enriquecimento das línguas indígenas e de um bilinguismo ativo, plural, o que nos obriga a buscar novas áreas de investigação.

A ideia de trabalhar com temas contextuais, que se ancora na noção de transdisciplinaridade pluriespistêmica, reivindica a adoção de um bilinguismo epistêmico. Essas ideias foram trazidas a mim por meio da Professora Maria do Socorro Pimentel e, durante minha pesquisa, consegui entender um pouco mais, especialmente, ao observar de um ponto de vista científico aspectos culturais de meu povo, como, por exemplo, o processo de formação do homem Xavante no Ho (casa do adolescente).

Na casa de Ho, o *wapté* vive por um período de cinco a seis anos, e lá ele aprende a se adaptar ao ambiente e a respeitar os anciões. Ainda aprendem a fazer artesanatos, arco e flechas, cordinha, gravata Xavante; treinam cantoria e também aprendem a caçar, a pescar seu próprio sustento.

Outro aspecto importante, a partir do qual pude entender melhor o conceito de transdisciplinaridade pluriespistêmica, diz respeito ao fato de que, dentro da nossa cultura Xavante, as crianças aprendem em casa com os pais. Por exemplo, os adolescentes ficam em casa afastadas para que não namoram e esperem o momento certo de se casar. Assim, aprendem com seus padrinhos sobre o respeito, aprendem sobre o seu território e sobre a cultura tradicional Xavante.

Isso será melhor discutido nesta dissertação, assim como também será o *Warã*, ou seja, o encontro da Assembleia Xavante, um evento muito significativo e respeitado dentro da nossa cultura Xavante, pois este é o lugar onde os anciões podem discutir abertamente a política tradicional Xavante.

A educação escolar como manejo do mundo, na essência, estreita a relação homem e natureza, partindo do conhecimento do lugar onde habita, como verdadeiros protetores. No caso dos povos indígenas, isto é bem nítido, devido à importância do seu próprio espaço por questão

de sobrevivência. Neste caso, a coletividade é necessária para cada comunidade em prol da preservação do meio para sua sustentabilidade de onde retira seus alimentos.

Em nossa Escola Estadual Indígena São José Sangradouro, sentimos a necessidade de conscientizar nossos alunos de que o ser humano faz parte da natureza, pois dependemos dela para satisfazer todas as nossas necessidades, desde o alimento, até a satisfação da nossa alma. Por isso, a educação escolar é tão importante também para nós. Isso nos proporciona de certa forma a autonomia de vida.

Contudo, os ensinamentos escolares devem estar sempre em harmonia com a natureza, de modo a especialmente não fazê-la uma escrava. Devemos respeitá-la sempre e isso pode ser melhor entendido por meio de nossos estudos na escola. Dessa forma, estaremos respeitando a nós mesmos. Atualmente, a escola ajuda bastante na transmissão e preservação da educação tradicional do povo Xavante. Por isso, sempre falo que a educação tradicional e a educação não indígena transformam nossa sociedade.

CAPÍTULO II

A CULTURA INDÍGENA E OS RITUAIS TRADICIONAIS NA FORMAÇÃO DO HOMEM XAVANTE

De acordo com Hipãridi Tóp'tiró (2022), os “rituais são muito importantes para o povo Xavante”. Eles se ligam “à socialização e à formação do caráter, tornando os rapazes e as moças verdadeiros guerreiros”. Nas próximas seções falarei um pouco mais sobre alguns desses rituais.

1.2. As brincadeiras do povo Xavante

As brincadeiras do povo Xavante já existiam muito antes de nós, a geração atual, nascer. Nossos pais, avós e, antes deles, seus antepassados já participavam de muitas brincadeiras como, por exemplo, a da peteca (*tóbda'é*) e da luta de raiz (*óí'ó*). Nesta seção, vou falar um pouco mais sobre esses legados culturais de meus antepassados que, até hoje cultivamos, já que é preciso fortalecer cada vez mais suas práticas, bem como trabalhá-las na escola para que as novas gerações entendam e aprendam para passar também adiante.

Na cultura do povo Xavante, como eu já disse, existe uma brincadeira que se chama *tóbda'é*. Trata-se de um jogo de peteca, um brinquedo que usamos no jogo tradicional do povo e esse é considerado o jogo das crianças. Ele é muito valorizado na cultura do povo Xavante. Essa brincadeira das crianças é muito importante para todos nós e é para passar para a nova geração. Para o jogo, a peteca é confeccionada com a palha do milho, a folha seca lisa, que se chama *wa'rudumhö nōdzö*, o milho Xavante. Veja a foto, a seguir:

FIGURA 6: Tóbda'é (peteca): brinquedo muito apreciado pelas crianças e que faz parte da cultura Xavante.



I

Fonte: Foto de Daniel Mārãtede´wa Dzaiwa, 2016.

Quando eu era criança, adorava essa brincadeira. Eu penso que as crianças merecem brincar de *tóbdá´é* (peteca), porque é um jogo muito interessante, tanto para *watébrémi* (menino), como para *ba´õnõ* (menina) brincarem. Para fazer uma peteca, o pai e o genro produzem o milho, *nõdzö*, na roça. Milho de muitas variedades, como os que vemos na foto, a seguir:

FIGURA 7: Milho Xavante da Roça (A´uwe te nõdzö).

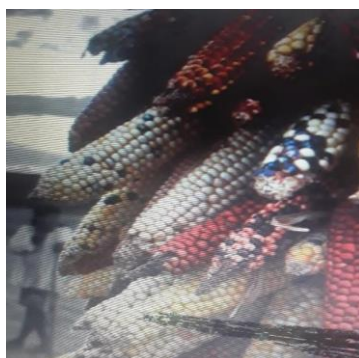


Foto: Divino Tserewahu Tsereptsé, 2016.

Quando se tem grande quantidade de milho, as famílias ficam muito contentes. A maior parte do milho da roça vai para as famílias. Na aldeia, tiramos os grãos do milho para comer. Depois, a casca de milho é usada para fazer a peteca para o jogo dos *watébrémi* (menino) e

ba'õnõ (menina). O meu pai sempre preparou a peteca, só homem faz a peteca para brincar, porque a mulher tem outro trabalho, como exemplos: cesto ou baquité para levar crianças entre xavante o trabalho bem separado e não pode misturar as coisas para fazer outros, quer dizer trabalho do homem a mulher não faz.

Importante dizer que só homem faz peteca, ou seja, a mulher não costuma fazer esse brinquedo popular entre os Xavante. Ele faz a peteca manobrando a folha de milho. Meu pai também sempre conta para nós como é feita a colheita de milho durante a safra e como fazer a peteca tradicional do povo Xavante. Dentro da minha família, ninguém ensina a fazer peteca, por isso todos aprenderam fora da família, principalmente os mais velhos/anciões. Enfim, eu também não sei fazer esse brinquedo, porém aprendi muitas coisas sobre a regra do jogo de peteca.

Na escola, desejo que todo esse conhecimento seja compartilhado na escola para fortalecer as brincadeiras do povo Xavante. Isso será realizado para que possamos deixar essa cultura lúdica para as próximas gerações e, também, porque percebemos que essa é uma das brincadeiras mais divertidas para as crianças da aldeia Sangradouro. Assim, na escola podemos, como professores, compartilhar as regras da brincadeira e coloca-las em prática. Dessa maneira, estaremos nós, professores indígenas, repassando aos nossos alunos, mais um dentre os muitos conhecimentos tradicionais de nosso povo. Será um importante registro da cultura lúdica deixada por nossos pais e nossos avós.

No jogo de *tóbda'é*, os meninos brincam com os outros colegas; as meninas não podem participar desse jogo de peteca com os meninos, mas elas podem brincar de peteca com outras meninas. Nem sempre elas brincam, porque é uma brincadeira que meninos gostam mais do que as meninas.

Quando eu era criança, brincava muito de peteca na escola. Eu gostava muito dessa brincadeira e, por isso, também estou passando e ensinando aos meus filhos para que eles possam entender minhas experiências sobre isso. Penso que essa brincadeira é muito importante para a formação dos meninos, porque, por meio dela, nós aprendemos regras próprias da brincadeira em que se observa o respeito entre *watébrémi* (menino) e *ba'õnõ* (menina). Quando era professor, entre 2018 e 2019, sempre brincava juntos com meus alunos e todos adoraram. Eles achavam que era muito interessante a brincadeira de peteca.

1.3. As festas do povo Xavante

É dentro das festas ou dos esportes tradicionais que sempre surge a divisão entre os dois clãs Xavante: *Öwawe* e *Pö´redza´õnõ*. Esses grupos são sempre divididos nas festas, mas eles recebem o mesmo tipo de educação cuja base é o respeito e o aconselhamento.

A luta de raiz, chamada na nossa língua Xavante de *óí´ó*, não é igual às brincadeiras de peteca, porque da luta do *óí´ósó* podem participar os meninos. A luta ocorre no centro da aldeia e toda a comunidade da aldeia vai acompanhar. Essa luta é sempre dividida entre os clãs do povo Xavante: o clã *Owawe* (que significa: “Oceano e Rio Grande”) e o clã *Po´redza´õnõ* (que significa: Girino). Isto é, existem dois grupos Xavante que se enfrentam nas lutas tradicionais. Os grupos são: 1) *Tsada´ró, Hotorã, Êtepa, Nõdzo´u* e 2) *Ai´rere, Tirówa, Abare´u, Anãrówa*.

Quando eu era criança, meu pai sempre me passava raízes e às vezes bebia e passa no para adquirir força de guerreiro para ficar mais corajoso. É da cultura Xavante: quando uma criança nasce, o pai tem que passar raízes para ela adquirir forças de guerreiro. Dos 0 aos 5 meses, essa criança está no ciclo da fase como *clã owawe* ou *clã po´redza´õnõ*:

FIGURA 8: Criança do clã Öwawe



Fonte: Foto Antônio Luiz Wa´awe, 2020.

Na foto, de minha autoria, vemos uma criança que nasceu no dia 28 de agosto de 2020. Ela é meu neto, o nome dele é *Rãimriwe* e é filho de meu filho *Euzebio Tsere´rurã wa´awe*. Esse menino já é do clã *Öwawe*, porque eu, o seu avô, pertencço a esse clã. Daí se considera o

mesmo clã na cultura Xavante, já que só através do pai é que se puxa a geração do clã. De igual modo, quando nasce uma criança do clã Pö´redza´õnõ ocorre a situação semelhante. Assim funciona a separação dos clãs e é tudo muito bem organizado em nossa cultura nativa.

Entre nosso povo, os primeiros educadores são os pais, juntamente com os avós paternos e maternos; aos poucos, a tarefa de ensinar vai se estendendo aos tios do mesmo clã. Nessa fase, as crianças estão mais voltadas para a sua família do mesmo clã. Antes de entrar na fase da adolescência, meu pai sempre me pintou com urucum e carvão para não perder na luta livre. Nessa luta que sempre é dividida como eu já disse antes, os meninos mostram a sua bravura para ganhar ou perder uma guerra:

FIGURA 9: ói´ó (luta de raiz praticada na infância pelos meninos Xavante).



Fonte: Foto de Valeriano Rãiwí´a Weréhité, 1994.

Contudo, após a luta terminar, a gente se respeita. Isso chamamos educação tradicional. Os nossos anciões transmitem essa educação e prevalecem vivos. Porque é com aquele ritual que a gente aprende a respeitar os outros clãs que são considerados como adversários no ritual de *ói´ó*. Quem é invencível merece respeito e nesse ritual são ensinadas todas as coisas: comportamento, histórias e outros.

De um ano até os dez anos de idade, os meninos podem participar de lutas de raízes para enfrentar outro clã. Os *watébrémi* (meninos) sempre estão acompanhados pelo pai, como mostra a foto a seguir:

FIGURA 10: Clã: Pö´redza`õnõ Grupo: Nõdzö´u e Tsada´ró.



Foto: Daniel Mãrãtedé´wa Dzaiwa, 2020.

Os pais dos meninos sempre orientam os filhos para que estes respeitem o clã *Öwawe* (Rio grande/oceano) ou o clã *Pö´redza`õnõ* (Girino). Por exemplo, eu, como já disse antes, sou do clã *Öwawe*, e, nessa condição, devo respeitar o clã *Pö´redza`õnõ*, pois essa é a lei Xavante dos antepassados. É nossa cultura original. O pai e a família começam a preparar o menino com muitos conselhos sobre a fase da adolescência. Ensinam os gestos que deve ter no *Hö* (Casa dos Adolescentes), pois é preciso ter alguns cuidados nessa fase. Os adolescentes não podem levantar a cabeça; sempre devem olhar para o chão, em posição de respeito.

Nesse período, somente o pai participa da educação do filho, por isso, ele sente saudades dos outros componentes da família, pois fica impedido de brincar com os irmãos. O garoto fica pouco tempo fora da casa de *Hö* (Casa dos Adolescentes) e lá ele fica isolado apenas com o grupo dos meninos, que nós chamamos, em nossa língua, de *wapté* (adolescente).

O *wapté* possui padrinhos para cuidar dele todos os dias e noites. Também precisa seguir regras para fazer visita à casa de seu pai ou família e, quando vai para casa da família, não pode se demorar lá; precisa voltar logo, pois há limite de horário, o qual é marcado pelos padrinhos. Os adolescentes não podem ir toda noite para sua casa, mas apenas depois de três dias ou uma semana após a última visita. Isso depende da saudade de sua família.

Os *wapté* ficam na Casa dos Adolescentes durante cinco anos, de onde sairão apenas depois de terminar todas as festas ou a furação de orelhas, quando eles já não mais serão *wapté* e passarão à condição de *´ritéi´wa* (ou seja, de novo adulto). Por isso, o *Ho* é o lugar mais

respeitado e considerado cuidadoso da aldeia, porque toda a comunidade considera o espaço dos dirigentes da festa, juntamente com os padrinhos. Por isso, é muito importante para nós falarmos da casa dos adolescentes . Dentro dela, não dormem meninas, só os padrinhos dormem juntos com os *wapté* (adolescentes). A seguir, na Figura 10, temos a imagem de cinco representantes do clã *Öwawe*, pertencentes ao grupo *Anãrówa* e *Abare´u*, os quais estavam na casa de adolescente *Hö*:

FIGURA 11: Clã: Öwawe - Grupo: Anãrówa e Abare´u.



Fonte: foto de Gerson Wa´rãuwe, 2014.

Como podemos notar, os adolescentes estão usando pinturas e adornos da cultura Xavante. As pinturas do meu povo são de vários tipos, conforme as usamos durante as festas. As pinturas Xavante podem ser feitas com urucum (*Da´upté*) e com carvão (*Da´uhö*). Os significados das pinturas remetem a diversos eventos, como, por exemplo, a pintura de guerra (*Datsi´ahörida da´u´ré*), a pintura de casamento (*Datsinã damröda da´u´ré*), a pintura de luta de raiz (*Ói´óda da´u´ré*), a pintura de corrida de tora de buriti (*Uiwededa da´u´ré*) e a pintura da paz ou pacificador (*Rómharéda da´u´ré*, *wamãridzu* ou *A´ãmã*). Também podem ser usadas para identificar as pessoas e suas funções sociais, como, por exemplo, a pintura de nomeado das mulheres (*Pi´õnhitsi*), a pintura dos padrinhos (*Danhõhui´wa u´ré*) e a pintura de adolescente (*Wapté u´ré*), tal como vimos na Figura 11, acima.

Todas essas pinturas são tradicionais, ou seja, foram usadas por nossos antepassados e existem até hoje em nossa cultura. Para nós, é um costume muito importante e, por isso, é interessante cuidar bem dele e repeti-lo sempre em nossas festas.

Os adornos usados por meninos e pelos homens Xavante são acessórios que devem acompanhar as vestes deles em todas as festas, porque nunca se separam as pinturas corporais dos adornos, o que é obrigatório nas festas e em nossa cultura Xavante. Sem a cordinha no braço ou a gravata no pescoço o participante não está combinando com as festas do nosso povo. Por isso, todos nós, Xavante, usamos adornos em todo tipo da dança e também nas corridas de tora e na luta corporal. Assim funciona o uso dos adornos de nossos costumes nativo. E tudo isso é muito importante para toda nossa vida cotidiana, o que sempre está se fortalecendo a fim de não acabar nossa cultura. Os adornos do povo Xavante devem continuar sendo usados todos os dias, para deixarmos esse importante aspecto cultural para a nova geração.

Voltando aos *wapté*, nessa fase eles não podem andar sozinhos, pois existe o risco de que algo lhes aconteça, provocado por outra pessoa ou grupo. Os *wapté* não podem olhar as meninas, nem conversar com elas. Eles vivem reclusos na casa de adolescente e, no período em que lá ficam, só podem participar das festas tradicionais, como dança, corrida de tora e luta corporal. Na foto, a seguir, vemos os adolescentes e seus padrinhos:

FIGURA 12: Adolescentes e seus padrinhos dos clãs Öwawe e Pö´redza´õnõ do grupo: Nõdzo´u e Tsada´ró.



Fonte: Juninho Ubudzahi Mārãdzabui´wa, 2020.

Toda fase de formação do povo Xavante é muito bem pensada e bem organizada. É importante que as gerações mantenham viva essa formação cultural. É importante que as gerações futuras mantenham viva essa formação cultural. É nossa cultura originária que estamos guardando bem até hoje que estará sempre viva.

A cultura xavante, como eu já disse aqui, existia muito antes de eu nascer; ela é repassada a todos e nós também a deixaremos para as novas gerações cada vez mais. Podemos observar que até hoje nossos rituais são feitos de forma completa como: furacão de orelha, luta de raiz, luta corporal, corrida de tora de buriti, danças tradicionais e outros.

Voltando à história da minha família, de que já tratei nesta dissertação, depois que mudamos para a aldeia Sangradouro, não voltei mais à aldeia Dom Bosco, mas foi lá que comecei a estudar e foi também onde adquiri conhecimentos tradicionais xavante, por meio da minha família, especialmente, de meu padrinho, o qual às vezes pode ser o próximo da família. Por exemplo, como eu já disse, sou *Öwawe*, mas posso ter padrinho do outro clã, ou seja, o *Pö´redza´õnõ*. Isso porque eu, sendo *Öwawe*, devo respeitar o clã *Pö´redza´õnõ*, pois essa é uma regra dos antepassados Xavante.

Na cultura xavante, o padrinho é sempre escolhido pelo pai. Eu, como já disse, tive meu padrinho do clã *Pö´redza´õnõ*. E ele foi escolhido por meu pai. Assim funciona a escolha do padrinho: é proibido que ele seja do mesmo clã. Às vezes, ele é próximo da família, mas também pode ser de longe dos parentes mais próximos. Segundo a regra, o afilhado não pode brincar ou falar besteira para o padrinho; ele deve ser tratado com muito respeito, pois é considerado como se fosse seu pai ou seu tio, porque dentro da nossa cultura Xavante. É tudo muito bem organizado e que vem de nossos antepassados e de nossa cultura tradicional.

A função dos padrinhos é sempre acompanhar as festas juntos com afilhados para não acontecer nada errado, como as brigas e o desentendimento entre inimigos, quer dizer, com outros grupos, porque existe cada grupo etário. Por exemplo, o meu grupo é composto por quatro subgrupos: *Hötörã*, *Etepa*, *Nõdzö´u* e *Tsada´ró*. Há outros quatro grupos: *Tirówa*, *Abare´u*, *Anãrówa* e *Ai´rere*. Todos eles são inimigos, ou seja, são grupos que são sempre nossos adversários na corrida de tora de buriti e outros.

Na nossa cultura, os padrinhos nunca se separam de seus afilhados durante a festa. Isto é, eles sempre estão por perto, como vimos na Figura 12, acompanhando afilhados do começo até o final da festa, porque essa uma é obrigação deles, ou seja, precisam estar por perto para cuidar dos afilhados.

A função dos padrinhos é, portanto, dar conselhos para o afilhado adolescente durante os cinco anos em que ele estiver na casa de *Hö*. Outra função do padrinho é iniciar o afilhado no canto no início da noite (*Mã'rãwi dahipópó*) e no canto da meia noite (*Mãrawa'wa danhõ're*). Ele deve estar juntamente com seu afilhado, todos os dias e noites, cuidando de seu bem-estar e contando a história antiga para que o afilhado possa conhecer a realidade vivida por seus antepassados, antes de nós. Assim, a função dos padrinhos é muito importante para conhecer a educação do Xavante.

1.4. A furação de orelha

Em 1998, realizei a furação de orelha. Furar a orelha é um ritual por que todos os adolescentes masculinos passam. Na nossa cultura, as mulheres não podem furar a orelha. O furador de orelha é sempre escolhido por anciões/adultos. Na Figura 12, a seguir vemos um registro desse ritual, o qual ocorreu no ano de 2005:

FIGURA 13: O ritual xavante de furação de orelha (Dapõ' redzapu).



Foto: Me. Salvador – Salesiano Dom Bosco (SDB), 2005.

A furação de orelha é feita anualmente para somente um dos grupos de faixa etária masculina. Como já dito somos divididos em dois clãs, nos quais podemos identificar quatro faixas etárias diferentes. No meu clã, as faixas etárias são: *Tsada'ró*, *Hötörã*, *Etepa* e *Nõdzõ'u*. Já no outro grupo, são: *Ai'rere*, *Tirówa*, *Abare'u* e *Anãrówa*. Eu sou do grupo *etepa* e já realizei

a furação este ano. No próximo ano ou depende da festa, não será mais o meu grupo que vai realizar furação de orelha; será outro. A cada ano, a furação de orelha é feita entre quatro faixas etárias. Nós, os Xavante, sempre realizamos a furação de orelhas entre 4 e 5 anos e cada grupo etário está deixando cada vez mais os nossos rituais para as próximas gerações. Temos que passar para frente e desde pequenos os mais velhos nos ensinam e aconselham a passar por esse ritual, porque faz parte de nossa cultura milenar.

A realização da furação de orelha é significativa para a comunidade e para o adolescente, que se tornará um novo adulto chamado *Herói'wa*. Nessa fase, ele ainda não está autorizado a participar de qualquer lugar como o *warã*. Também não pode namorar nem conversar com as meninas. Só pode atender os pais e os padrinhos. Os *'ritéi'wa* (novo adulto) vivem nas casas dos pais. Eles têm um espaço próprio para se encontrarem quando vão realizar as atividades culturais, como *dahipópó* (a dança de início da noite) e *mārawa'wa danhõ're* (o canto da meia-noite).

Os *'ritéi'wa* já podem andar sozinhos em qualquer lugar, mas não podem participar do *warã*. Usam o corte tradicional de cabelos, para ficarem mais bonitos, e o *dapo'rewa'u*, “pauzinho de orelha”, que é trocado depois de três dias ou uma semana. Os *'ritéi'wa* sempre usam óleo natural para passar nos cabelos e no corpo.

Os *danhõhui'wa* (padrinhos) têm a maior responsabilidade na educação de seus afilhados, os *wapté*, durante os cinco (5) anos de reclusão. Eles aconselham seus afilhados a cumprirem a vida de adolescente. Às vezes, os padrinhos dormem junto com os afilhados, para que não aconteçam coisas erradas, como brigas, e sempre ensinam as histórias antigas e a história de como os Xavante viviam em épocas anteriores ao contato com os *waradzu*, os brancos. É a cultura do aconselhamento.

A função dos *iprédu* (adultos/anciãos) é dar conselhos aos *prédzamrõi'wa* (pós-padrinhos), para que estes possam também dar conselhos, dentro do *warã*, a todos que estiverem presentes. Os *iprédu* são organizadores das festas tradicionais Xavante. Eles acompanham cada passo das festas, do início ao final, junto com os *prédzamrõi'wa*.

Essas referências educativas, articuladas com outras bases epistêmicas, dão o tom do desafio para se pensar no ensino da língua Xavante na escola. Esse ensino leva em consideração questionamentos como de onde vem o conhecimento desse ensino, qual metodologia adotar, qual o valor da minha língua na escola e se a escola consegue conectar-se com os espaços tradicionais.

O principal objetivo, nesse processo, é o de vivenciar minha língua ancestral na escola, em um contexto de ‘bilinguismo epistêmico’, conceito formulado por Pimentel da Silva (2013). Para a autora, é importante compreender que, para além do bilinguismo linguístico propriamente, assentado no uso de dois sistemas linguísticos, podemos pensar no “bilinguismo epistêmico”.

Nesse sentido, o ensino da língua e pela língua não se descola dos conhecimentos, da cultura e dos saberes que vêm da natureza, com os quais forma um corpo epistêmico, uma vez que a língua Xavante não está separada de seus contextos, muito menos de seus falantes e do modo como produzem conhecimento e refletem sobre ele.

Em relação às fases da formação dos homens, pude constatar em minhas pesquisas que os costumes do povo Xavante e a cultura do povo Apyãwa (cf. TAPIRAPÉ, 2020) são um pouco parecidos. Entre nosso povo, conforme já dito, os primeiros educadores são os pais, juntamente com os avós paternos e maternos. Aos poucos, a tarefa de ensinar vai se estendendo aos tios do mesmo clã.

A última fase da educação é a pós-*danhõhui´wa* (pós-padrinhos), que, como já dissemos, chama-se *prédzamerõí´wa*, que é considerado já *iprédu* (homem). A formadora desses *prédzamerõí´wa* é a comunidade da aldeia, a qual é responsável por cada fase da formação do homem Xavante. Esse conhecimento, articulado com outras bases epistêmicas, vão contribuir para com os desafios do ensino da língua Xavante na educação intercultural.

Ao ler a dissertação de mestrado de Gilson *Ipaxi´awyga* Tapirapé (2020), a qual trata do centro epistemológico e do sistema de comunicação cósmica para a vitalidade cultural do mundo Apyãwa, pude comparar minha pesquisa com o trabalho desse pesquisador indígena sobre a formação do homem Apyãwa, as fases da vida e o ritual de iniciação de Akoma´e (homem).

Segundo Gilson Tapirapé (2020), na cultura Tapirapé, *takãra* é a denominação de uma grande casa que é construída no centro da aldeia Apyãwa e possui uma estrutura em formato oval, com duas portas em cada uma das suas laterais. De acordo com o autor, trata-se de uma casa com padrão diferente das demais construções Apyãwa.

A *Takãra* é conhecida, popularmente, como casa cerimonial ou como centro de realizações de cerimônias e rituais Apyãwa da cultura Tapirapé. O *takawytera* (pátio da aldeia), além de servir a todas as funções ritualísticas, é o espaço onde os *wyrã* (os grupos masculinos) se reúnem. Isso é muito parecido com o *Warã* Xavante, pois lá é o lugar onde sempre acontecem

as discussões dos homens no meio da aldeia (ou seja, o Conselho dos Homens ou a Assembleia do povo Xavante), todas as noites, para conversarem entre eles, socializando os assuntos da vida cotidiana. Nesses momentos, discutem-se temas, tais como pescaria, caçada, organização das festas e a distribuição do trabalho da roça.

Entre os Apyãwa, relata o pesquisador Tapirapé (2020), é também neste lugar que são feitas todas as discussões referentes às questões que dizem respeito à vida social do povo Apyãwa. Por exemplo, quando um *Konomĩ* ‘menino’ passa para o ritual de iniciação de *Xyre í í* ou *Awa ýao í* ‘Rapazinho’, normalmente, ele recebe vários conselhos e orientações dos sábios, que são protagonistas da cultura, principalmente em termos de comportamento, uma vez que, passando para essa fase, ele não poderá mais brincar e acompanhar o *Konomiwera* ‘grupo de meninos’ e muitos menos o *Kotataiwera* ‘grupo de meninas’. A partir desse momento, conforme relata Tapirapé (2020), o jovem começa a ter convivência maior na Takarã, onde passa a ser educado, principalmente pelos *Wyrã*, sobretudo, a respeito da vida de um homem na sociedade.

Em meu ponto de vista, o trabalho realizado por Gilson Ipaxi´awyga Tapirapé é muito importante, visto que sua leitura nos traz muitas informações sobre a cultura de modo geral do povo Apyãwa, especialmente, sobre a *Takãra*, a *Takawytera* e as fases da vida do *akoma´e* (homem). Afinal, como pude perceber, essa organização permite que os conhecimentos e os saberes tradicionais sejam transmitidos às novas gerações Apyãwa, conforme suas fases de vida.

Pelo que pude perceber, entre nós, povos indígenas, existem culturas e línguas diferentes, mas, às vezes, alguns aspectos são semelhantes, como a regra da formação dos homens, os quais recebem a educação tradicional ou conhecimentos naturais repassados por seus antecessores. Nesse sentido, fiquei muito grato em ler o trabalho de Gilson Tapirapé, já que ele complementou meus conhecimentos e me mostrou tantos aspectos interessantes que existem dentro da cultura, da educação e mesmo características da língua Apyãwa.

Para entender melhor diferenças e semelhanças entre *Takãra*, *Warã* e *Hö*, é importante abordar três aspectos muito importantes: 1) Na cultura Tapirapé, a *Takãra* é conhecida, popularmente, como casa cerimonial ou como centro de realizações de cerimônias e rituais Apyãwa, uma vez que o seu pátio *Takawytera* é o lugar onde acontece a maior parte das cerimônias e rituais do povo Tapirapé. 2) Na cultura Xavante, o *Warã* serve para fazer planejamentos sobre as festas tradicionais, mas também é o conselho dos homens, o qual

consideramos parte de processos educativos, já que se trata da Assembleia Tradicional do povo Xavante. Ali se discutem abertamente os eventos que afetam a comunidade da aldeia. 3) Na cultura Xavante, o Hö é a casa onde os adolescentes permanecem por cinco anos, de onde sairão apenas depois de terminar todas as festas ou a furação de orelhas. A casa dos adolescentes (Hö) é o lugar mais respeitado da aldeia por seus cuidados para com os adolescentes.

Sendo assim, tanto a Takãra, para a cultura Tapirapé, quanto o Warã e o Hö, dentro da nossa cultura Xavante, são muito importantes para nós, povos indígenas, e os quais penso que devem sempre estar vivos, pois fazem parte da vida dos povos Tapirapé e Xavante.

CAPÍTULO III

2. FUNÇÕES SOCIAIS DA LÍNGUA XAVANTE NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO FORMAL ESCOLAR NA ALDEIA SANGRADOURO – MT

Neste capítulo, meu objetivo é mostrar algumas das funções sociais da língua indígena Xavante na educação escolar do povo Xavante, que ocorre na Aldeia Sangradouro e, em especial, na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro.

3.1.A língua do povo Xavante

A língua do povo Xavante (*A'uwe Uptabi Mrémé*) existe há milênios e é um importante aspecto cultural de nosso povo, pois é simbolizada, como já mencionei, na divisão social em dois clãs: *Öwawe* e *Pö'redza'õnõ*. Isso significa que, quando nascemos, sempre somos orientados a respeitar o outro clã o modo de transmissão desses conhecimentos às gerações mais novas e seus usos.

A nossa língua materna é tão rica e poderosa. Todo mundo fala a língua na nossa aldeia: crianças, jovens e adultos. Quando as pessoas saem da aldeia e vão para as cidades mais próximas, eles usam a língua portuguesa para resolver as coisas sobre as compra ou problemas sociais, mas nós falamos a nossa língua nativa em qualquer lugar.

A língua materna só a gente fala, ou seja, só nós da mesma etnia, porque há vários povos que vivem no Brasil, mas as culturas e as línguas são muito diferentes. Lembro-me que, em nossa história antiga, conforme meu pai contava para nós, foi muito importante a relação entre o povo Xavante e o povo Xerente, duas etnias distintas, no leste de Mato Grosso ao longo do Rio das Mortes. Antes dos Xavante chegarem, segundo a história que meu pai me contou, lá havia uma fazenda chamada Sangradouro que foi comprada mais tarde pelos padres salesianos. Lá também viviam poucos representantes do povo Bororo. Os Xerente remanescentes ocupam algumas pequenas aldeias no Município de Tocantins, entre o Rio Tocantins e o Rio do sono.

Essa história antiga foi emocionando a todos diariamente. Também a nossa fala parece igual à dos parentes, mas só em algumas palavras. Não é igualzinho, pois às vezes conseguimos entender; outras, não. A fala desse outro povo é diferente da fala dos Xavante. Eu já disse que

o povo Xerente tem uma língua mais parecida com a nossa, mas não é igual, pois apenas uma ou outra palavra a gente consegue entender.

De acordo com Rodrigues (2018), no Brasil, existem dois grandes troncos linguísticos: o Macro-jê, com 9 famílias, e o Tupi, com 10 famílias. A língua falada pelo meu povo pertence ao tronco Macro-Jê e é a família de nome Jê. Na tese de doutorado de Andrey Nikulin (2020), sobre a reconstrução do Proto-Macro-Jê, esse autor trata do Ramo I, que inclui a Família Jê e que é o maior ramo do tronco Macro-jê, o qual é formado pelas línguas da família Jê. Ainda segundo esse autor, nesse ramo, estão as línguas Jê centrais, as quais são quatro, sendo duas extintas e duas vivas. As vivas são faladas pelo meu povo, o Xavante, e pelos parentes Xerente. Já as línguas extintas desse ramo são o Xakriabá e o Akroá.

Como as nossas línguas, Xavante e Xerente, permanecem fortes e sendo faladas por nós e por nossos irmãos Xerente, vou falar um pouco mais sobre as diferenças entre essas línguas. Para isso, vou transcrever, a seguir, alguns exemplos de dados da língua Xerente, que retirei do trabalho do meu colega sobre língua xerente até traduzir na língua xavante para entender melhor o trabalho do meu amigo sobre tradução da língua e trocar conhecimentos interculturais.

Adriano Xerente, um estudante na Universidade Federal de Goiás (UFG), os quais traduzi para nossa língua Xavante e para o Português, a fim de fazer uma breve comparação entre a escrita das palavras na nossa língua Xavante e na língua Xerente. No exemplo em (1), teremos os dados em Xerente; no exemplo em (2), os dados são a tradução do mesmo texto para a minha língua:

(1) Língua Xerente:

Iptokrta nōri tō kâne taimō romkmādāhāmre hā tkre waskukw, akwe nōri tō krāiwahkuk snātet aimō krkuiput, tō aiktere hawi za aimō krāwahkuk.

(Tradução para o Português: “Os nossos velhos contam que, desde antigamente, os meninos e as meninas Akwen nascem com sabedoria, vendo as coisas que acontecem no meio do seu povo.”)

(2) Língua Xavante:

*Ihi nōri te irowatsu'udza'ramōnō A'uwe uptabi duré hawi te 're hōimānā
watébrēmi duré ba'ōnō rōwaihu'uré te're prédubdza'ra itsimi dza'retse
tsiró a'uwe te rōwaihu'u nāhā.*

(Tradução para o Português: “Os nossos velhos contam que desde antigamente, os meninos e as meninas A'uwe uptabi (povo verdadeiro) nascem com sabedoria, vendo as coisas que acontecem no meio do seu povo.”)

Como podemos ver, existe diferença na pronúncia das duas línguas e também na forma das palavras. Mas não é apenas isso, pois, quando ouço as histórias do povo Xavante e do povo Xerente, acabo comparando as duas histórias. Sobre o meu contato com os meus irmãos do povo Xerente e com a língua falada por eles, quando eu era pequeno, meu pai contava a história antiga dos Xavante e dos Xerente. Eu sabia que as nossas línguas eram bem parecidas, mas eu não sabia em que havia semelhanças porque naquela época eu não havia conhecido ainda pessoalmente nenhum de nossos irmãos Xerente.

Apenas no ano 2013, quando passei no vestibular para o curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi que tive a oportunidade de conhecer alguns representantes do povo Xerente, pois eles também eram estudantes do mesmo curso. Eu gostei muito de conversar com nossos irmãos, quando os encontrei pela primeira naquele ano. Todos os dias, conversávamos e trocávamos ideias sobre as histórias de nossos antepassados. Também falávamos muito sobre experiências que vivíamos nas escolas de nossas comunidades.

Isso foi muito importante e até emocionante para mim, porque antigamente era muito difícil encontrar pessoalmente com esses outros parentes que não são Xavante, especialmente, por causa de desentendimentos entre indígenas, mas, dentro da UFG, eu aproveitei para tirar dúvidas sobre esses dois povos e para conhecer melhor as diferenças entre a nossa língua Xavante e a língua dos meus colegas Xerente. Foi ótimo tudo isso porque deu para confirmar bem as diferenças entre as duas línguas.

Durante cinco anos estive acompanhado de meus queridos colegas Xerente: os Senhores Adriano Xerente, Adão Xerente e a Senhora Eneida Brupahi Xerente. Com eles, pude esclarecer a história antiga de nossos povos e também sobre as nossas línguas. Ao mesmo tempo em que conhecia a nossa história, também estava comparando os sons e as pronúncias de nossas línguas.

Ao ouvir as histórias antigas dos povos Xavante e Xerente, notei que são muito semelhantes ou quase não há diferenças, mas as línguas são diferentes, por exemplo, os sons e as pronúncias. Como eu já disse, muitas vezes conseguimos entender, mas nem sempre porque, como eu já disse os Xerente falam mais rápido do que os Xavante. Vejamos mais algumas diferenças entre as duas línguas: os nomes dos povos, por exemplo, são semelhantes, mas os sons são diferentes. Por exemplo, enquanto a autodenominação do povo Xerente é Akwe [akwen], a dos Xavante é A'uwê [aʔwen]. Outro exemplo é a palavra usada no Xerente é: *Wawekrure* (Tradução: Nome próprio); no Xavante, ela é pronunciada e escrita assim: *Wawê'ru* (Tradução: Nome próprio).

A seguir também apresento uma comparação de dados relativos a cumprimentos na língua Xavante com dados das línguas Krikati e Karajá, a qual realizei por saber que o Xavante e o Xerente são línguas próximas e que possuem muitas semelhanças. Já o Krikati e o Karajá, embora sejam línguas Jê também, são muito diferentes do Xavante. Contudo, como eu tinha contato com colegas de todas essas etnias, considerei importante observar as diferenças entre todas as línguas da família Jê.

De acordo com a tese de Andrey Nikulin (2020), também no Ramo I, referente à Família Jê, o segundo subgrupo, os Jê do norte, é constituído por cinco línguas. A primeira delas é a língua Timbira e seus dialetos nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins (Canela, Ramkokamekrá, Canela Apanyekrá, Gavião Pykobje, Gavião Parakaeje, Krikati, Crenje e outras). Já sobre a língua Karajá, Nikulin (2020) diz que está pertence ao Ramo VIII - Família Karajá, do tronco Macro-Jê. E completa que, assim como a família Yate, a família Karajá é um conjunto unitário, subdividido em suas variações dialetais: Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé e Xambioá.

A seguir, então, apresentarei dados das línguas Krikati e Karajá, os quais obtive no contato com meus colegas de graduação, todos da turma de 2013, do curso de licenciatura, do Núcleo Takinahaky, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Quando eu ouvia os cumprimentos falados nas línguas dele, eu apreciava muito e, por isso, anotava tudo para não esquecer da língua Krikati e da língua Karajá, ou seja, para aprendê-las.

Os dados foram coletados durante os momentos em que nós conversávamos bastante e interagíamos trocando nossos conhecimentos culturais por meio das narrativas de nossas histórias antigas. Por exemplo, meu amigo Alfredo Rurehu Krikati me ensinou as palavras usadas para cumprimentos na língua dele, como vemos no exemplo em (3):

(3) Língua Krikati:

Temreh!

(Tradução para o Português: “Bom dia!”, “Boa tarde!” ou “Boa noite!”)

Assim também obtive os dados da língua Karajá, ou seja, conversando com meu colega de turma, Tewadure Karajá, ele me ensinou como fazer cumprimentos na língua dele, conforme vemos no exemplo em (4), a seguir:

(4) Língua Karajá

Tateri!

(Tradução para o Português: “Bom dia!”, “Boa tarde!” ou “Boa noite!”)

Em Xavante, fazemos cumprimentos usando as seguintes expressões:

(5) Língua Xavante:

rówa´awe

(Tradução para o Português: “Bom dia!”)

Rówa´awe itsiwaihu (Tradução para o Português: *Bom dia meu amigo*).

höiwahöwe

(Tradução para o Português: “Boa tarde!”)

Höiwahöwe í´ra wapté (Tradução para o Português: *Boa tarde meu sobrinho*).

Mãrawe

(Tradução para o Português: “Boa noite!”)

Mãrawe aihini mãhã (Tradução para o Português: *Boa noite para todos*).

Enfim, por meio da comparação entre esses dados das línguas Xavante, Xerente, Krikati e Karajá, eu entendo que a nossa língua apresenta diferenças das outras línguas. Na fala, também vejo muitas diferenças, pois as línguas não são iguais em pronúncia, ou seja, os sons das palavras também se distinguem um pouco. Mesmo assim, nós conseguimos entender um pouco do que os outros falam. A compreensão é mais entre Xavante e Xerente; um pouco menos entre o Xavante e o Krikati e Xavante e o Karajá. Eu já tinha falado antes sobre a história antiga entre a separação do Xavante do Xerente, quando eles, nos antigos parentes, atravessaram no Rio

Araguaia até Mato Grosso, onde moramos hoje em dia.

Sobre a estrutura da língua Xavante, eu vi, em Oliveira (2007), um estudo interessante sobre a morfologia e a sintaxe de nossa língua materna. No texto dela, temos muitas informações, como, por exemplo, o modo como orações possuem marcações morfológicas e sintáticas distintas.

No texto, há um estudo importante sobre a fonologia Xavante, com detalhes sobre os fonemas consonantais e vocálicos com base nos critérios de variação livre e distribuição complementar.

A língua Xavante possui oito fonemas vocálicos, conforme se vê no Quadro 1, a seguir:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i	ĩ			u	
Média-alta	e	ẽ			o	õ
Baixa			A			

Quadro 1: Fonemas Vocálicos da língua Xavante. Fonte: Oliveira (2007).

A língua Xavante apresenta o seguinte inventário de fonemas consonantais:

	Bilabial		Dental		Alveolar		Palatal		Glotal	
Oclusiva	p	b	t	d						ʔ
Nasal										
Tepe										
Fricativa					s	z				h
Glide		w						j		

Quadro 2: Fonemas consonantais da língua Xavante. Fonte: Oliveira (2007).

Tudo isso me leva a o outro lugar, pois aumenta o meu conhecimento sobre a minha própria língua. Vi também que existem diferenças entre variedades de nossa língua materna. Achei tudo isso muito interessante de se conhecer, especialmente, a Inventário Fonológico das Consoantes, já que é muito importante esclarecer para nossos alunos na escolha que o fonema

oclusivo bilabial [b] apresenta dois alofones [b] e [m]. Conforme explica Oliveira (2007, p. 19), enquanto [b] ocorre em posição de início de sílaba sempre antes de vogal oral, conforme exemplos, [ʔtebe], que significa ‘peixe’, e [ʔsibi], que significa ‘aranha’.

Por isso, fiquei muito contente quando li o texto na visão de uma linguista descritivista não indígena sobre Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante. Até entrar na faculdade, eu só tinha informações da escrita da nossa língua materna em minha própria língua, mas hoje em dia cada vez mais está melhorando a minha visão. Estou conhecendo cada vez mais a estrutura da língua Xavante, por meio do estudo e, futuramente, os estudos serão ampliados pelas pesquisas realizadas pelos linguistas indígenas.

3.2.A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA SANGRADOURO – MT

Nesta seção, falarei um pouco mais sobre a educação escolar do povo Xavante (*Rówaihu Udzé A Uwe Tehã*), focalizando especialmente o processo de educação formal que se dá na Escola Indígena São José de Sangradouro, em Mato Grosso.

3.2.1. Breve histórico da educação escolar Xavante na Aldeia Sangradouro

A educação escolar na Terra Indígena, onde viviam os Xavante, foi dada inicialmente pela Missão Salesiana. No ano de 1957, chegaram os Xavante, dando uma grande reformulação para toda a Missão Salesiana, na educação, no internato, na catequese, nos trabalhos agrícolas, culturais e religiosos.

Naquela época, começou o internato para indígenas dos povos Bororo e Xavante eles foram levados para lá para estudar e quando começaram a estudar juntamente os filhos dos fazendeiros já aprenderam um pouco a língua portuguesa e agrícolas. O internato funcionava desde 1953. O fechamento do internato para os meninos, em 1976, e, para as meninas, em 1977, foi uma grande transformação educacional para a Missão. Isso ocorreu no tempo em que os nossos velhos e nossos pais chegaram à aldeia Sangradouro. Naquele momento, como já disse, a escola era dirigida pelos padres salesianos ou por outros professores não indígenas (missionários).

Depois de muito refletirem, os padres e o Mestre Tarley da Guia Matos, entregaram a

direção da escola para os Xavante. Os padres moravam na aldeia antes da chegada dos Xavante que hoje habitam a aldeia Sangradouro, em Mato Grosso, Brasil. Naquele tempo, apenas não indígenas (os padres salesianos) dirigiam a escola e ministravam as aulas para os nossos pais e mães. Após fazer uma pesquisa com os antigos, tive acesso aos nomes dos ex-diretores da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro (Tsõ´rehipãri), localizada no Km 225, da BR 070, na Aldeia Sangradouro, Município de General Carneiro, em Mato Grosso, Brasil.

Primeiramente, o Padre Bartolomeu Giaccarias foi o diretor no período de 1975 a 1978; de 1979 a 1982, a escola foi dirigida pelo Padre Osvaldo Scott; de 1983 a 1986, a gestão foi do Padre Augusto Issão Kian; entre 1987 a 1990, o diretor foi o Padre Luiz Silva; de 1991 a 1994, o Padre Sandro. A seguir, temos um registro da antiga edificação da escola Estadual Indígena São José Sangradouro, que data do ano de 1994:

FIGURA 14: Sede da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro em 1994.



Fonte: Me. Salvador-SDB, 1994.

De 1995 a 1998, o Padre Augusto Issão Kian; de 1999 a 2004, quem dirigiu a escola foi o mestre Tarley da Guia da Mata. Enfim, no período entre 2005 a 2010, pela primeira vez, um indígena xavante assumiu a direção da escola da aldeia Sangradouro-MT (Tsõ´rehipãri). Foi o senhor Martinho Tsire´edi Tsawewa, o primeiro diretor da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro. Escolhido pela comunidade da aldeia. Na sequência, assim também ocorreu com o Senhor Julho Wadzapariwe, que dirigiu a escola no período de 2011 a 2012. Não posso esquecer de meu querido finado Senhor Fortunato Tseremé´wa Pratsé, no período de 2013 a 2016. Ele faleceu em 02 de setembro de 2016, como coordenador da Escola Estadual Indígena

São José Sangradouro.

Após isso, o Senhor Oswaldo Buruwe Mārādzuhö assumiu a direção em 2016 e lá ficou até 2018. O Senhor Bartolomeu Patira Prónhõpa dirigiu a escola de 2019 a 2020. Por fim, o Senhor José Roberto Pe´watõ´a assumiu no ano 2021 e seu mandato vai até o ano de 2022. A seguir, temos fotos da atual sede da Escola Indígena da Aldeia Sangradouro:

FIGURA 15: Sede da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro em 2022.



Fonte: Foto, José Roberto Pe´watõ´a, 2021.

A partir do momento que a escola começou a contar com a participação de professores e professoras Xavante, já se passou a usar a língua materna na escola. Ela é ensinada para as crianças e jovens e adultos. Na sequência, vou falar um pouco sobre a minha passagem como estudante pela escola de minha aldeia, destacando algumas experiências sobre a aquisição de conhecimento ocorrida desde os primeiros anos pela intermediação apenas por professores Xavante, que davam a aula em nossa língua materna com algumas traduções em Português.

3.2.2. Relato de experiências como aluno na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro

Vou falar nesta seção um pouco sobre como a escola da aldeia Sangradouro funcionava quando iniciei minha vida escolar. Na minha época, para iniciar os estudos escolares, era obrigatório que a criança já tivesse completado sete anos de idade. Assim, em 1987, comecei a

estudar na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro.

A partir do momento que a escola começou a contar com a participação de professores e professoras Xavante, já se passou a usar a língua materna na escola. Ela é ensinada, na modalidade oral e escrita, para as crianças a partir dos sete anos. Assim, logo após completar sete anos de idade, tive o primeiro contato com a escola e o mundo da escrita.

Lembro que sofri bastante no início, era muito difícil para eu entender, porque eu não tinha visto antes de entrar na escola, ao contrário de antes, quando eu ficava o dia inteiro livre para fazer o que eu gostava. Sentia-me preso e obrigado a fazer o que não era de costume, porque achei muito diferente não sabia escrever e fiquei sem nada, nem ler e nem sabia falar a língua portuguesa. Voltarei a falar sobre isso mais adiante. Antes, farei um breve relato sobre outros aspectos da educação formal que obtive na escola indígena.

As regras para educação escolar das crianças eram parecidas com práticas antigas sobre o comportamento. Por isso, com essas regras aprendi a ter um comportamento considerado bom na sala de aula. Eu concordo com as práticas antigas. Para mim, é importante ter disciplina e, para mim, foi muito bom o ensinamento dos professores sobre isso. Na escola, entendi que havia momento para tudo, inclusive para brincar. Eu trouxe muito aprendizado bom da sala de aula, por exemplo, aprendi a respeitar mais as outras pessoas principalmente meus colegas da escola.

Os professores, na sala de aula, eram muito rígidos com respeito ao comportamento dos alunos. O meu ex-professor era meu querido senhor: Francisco *Wari'ubdi*, ele era um senhor muito bravo: sempre me batia quando brincava dentro da sala ou gritava durante a escola. Como já disse, as regras eram muito diferentes na sala de aula do que temos hoje, pois só o professor é que mandava e os alunos e alunas só podiam falar quando ele autorizava. Apesar da rigidez dos professores, eu nunca desanimei e também meus colegas de estudo não desistiram por medo dos professores. Afinal, era a regra da escola e a gente se acostumava com isso.

O professor muitas vezes escrevia no quadro para explicar melhor o conteúdo que estava ensinando. No início, os professores ensinavam usando apenas a língua nativa, ou seja, todas as disciplinas eram explicadas em nossa língua. Foi, portanto, como já disse, meu primeiro contato com o mundo da escrita em minha língua materna, a língua Xavante. Porém, lembro que sofri bastante no início. Era muito difícil para eu entender, porque eu não tinha visto a escrita de minha língua antes de eu ir para a escola.

Ao contrário de antes, quando eu ficava o dia inteiro livre para fazer o que eu quisesse

e as coisas de que eu mais gostava, passei a me sentir preso e obrigado a fazer o que não era de costume. É que eu estava achando tudo muito diferente, pois, como não sabia escrever em minha língua, achava que havia ficado sem nada para fazer. Além disso, também eu não sabia falar e nem escrever a Língua Portuguesa.

Então, começaram as lições e as primeiras foram exatamente sobre como falar e escrever as palavras usadas em nossa língua materna para cumprimentos diários. Ou seja, o nosso professor ensinava para nós sobre como cumprimentar as outras pessoas ao longo do dia em nossa língua materna. As palavras eram as que vimos no exemplo em (5) e que reproduzimos novamente a seguir:

- (6) (a) Rówa´awe (Tradução: Bom dia!)
- (b) Höwahöwe (Tradução: Boa tarde!)
- (c) Mãrawe (Tradução: Boa noite!)

Quando aprendi essas primeiras palavras em minha língua e também sua tradução para o Português, eu fiquei muito contente, porque considero muito importante aprender o Português como segunda língua. Infelizmente, ainda há muitas palavras desconhecidas que eu não consigo entender e escrever em Português, mas estou estudando e conhecendo mais e mais palavras. No meu processo de aprendizagem, como já disse, primeiramente, eu aprendia a língua materna na escola. Para entender melhor as palavras e as frases, costumava treinar sozinho em minha casa.

Sempre vou agradecer aos meus professores, porque eles ensinavam com paciência a ler e a escrever em nossa língua materna, muitas vezes também traduzindo para o Português. Aproveito o momento para mencionar nominalmente e com muita gratidão todos os meus ex-professores da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro, durante o Ensino Fundamental.

Assim, quando eu estava no Primeiro Ciclo, na 1ª Fase, no 1º Ano, na Alfabetização, meu professor foi o Senhor Francisco Wari ´ubdi (já falecido); no Segundo Ciclo, 2ª Fase, 2º Ano, na 1ª série, o professor foi o Senhor Miguel Angelo Tseredzatsu Mārãtede´wa, sendo que este ainda está atuando em sala de aula, no momento da escrita deste trabalho.

O demais professores foram o Senhor Valeriano Râiwi´a Werehité, que ministrava a disciplina Língua Xavante, na 2ª série; o Senhor Bartolomeu Patira Prónhõpa, que ministrava Ciências na 3ª série; o Senhor Oswaldo Buruwe Mārãdzhö, que era da área de Língua

Portuguesa, na 4ª série; o Senhor Martinho Tsire´edi Tsawéwa, da área de Matemática, na 5ª Série; o Senhor Luciano Tserewarutuwe, era responsável pelo Ensino Religioso, na 6ª série; o Senhor Sílvio Tsi´ruwewe Tseredzati, da área de Língua Xavante, na 7ª série e, finalmente o Senhor Julho Wadzapariwe, da área de História, na 8ª série.

Como já disse, quando comecei a estudar os professores só usavam a língua Xavante, mas eles traduziam ao mesmo tempo para entender para a segunda língua, como nos exemplos seguintes:

(7) *we aimōri*

(Tradução: “Vem aqui!”)

(8) *Emāmé te aihōiba?*

(Tradução: “Onde você está?”)

Também aprendi na escola a leitura de textos e a escrever as primeiras letras e palavras. Isso foi ensinado pelo meu professor, o Senhor Miguel Ângelo Tseredzatsu Marâtede´wa, a quem já mencionei neste texto, durante os anos iniciais do 1º ano e do 1º ciclo. Em 1987, com o finado professor Senhor Francisco Wari´ubdi, a quem também citei aqui, cursei o 2º ano do 1º ciclo, do Ensino Fundamental, ainda na Escola Estadual Indígena São Jose Sangradouro - MT, aprofundi mais o conhecimento da alfabetização dos Xavante mais usados da nossa língua materna, *damrémé waihu´udzé* (alfabetização).

Com os professores Xavante aprendi a escrever as vogais da minha língua: ã, é, ê, ã, õ, ö, ó, u, (a, e, i, o, u). Essas são as vogais mais utilizadas na língua Xavante. Também aprendi consoantes mais utilizadas da nossa língua: b, d, m, n, p, r, t, dz, ts, mh, nh, mnh, (a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, w, v, x, y, z.). Exemplos de palavras com as vogais da língua Xavante: aba (caçar), êné (pedra), iwapu (bola), ö (água); e exemplos das consoantes: amnhõ (alimentos), rómhi (osso), wapté (adolescente). Essas consoantes são as mais utilizadas e aparecem no meio da conversa. Como já disse aqui, esses conhecimentos nos foram passados todos apenas por professores Xavante e o estudo foi feito em nossa língua. No mestrado, comecei a ler textos sobre minha língua escritos por linguistas não indígenas, como Oliveira (2007).

Tudo isso, os professores ensinavam durante na escola para entender a base das palavras na língua Xavante e depois traduziam para a Língua Portuguesa. Eu sempre tive dificuldade em Português, mas cada vez mais aprendia alguma nova palavra dessa língua por meio da alfabetização. Aos poucos ia desvendando o segredo das palavras pronunciadas em Português.

Eu não aprendi a falar de imediato a língua dos não-indígenas, pois sempre morei na aldeia Xavante e nunca ia para as cidades dos não indígenas mais próximas, como, por exemplo, Primavera do Leste e General Carneiro, nem mesmo para estudar. Quando eu era criança, e tinha entre um e cinco anos de idade, só falava a nossa língua materna. Até aí, nunca havia ouvido a fala dos *waradzu* (ou seja, dos “brancos” ou não-indígenas), porque na aldeia nós falávamos apenas em nossa língua natural.

Após ser matriculado Escola Estadual Indígena São José Sangradouro, continuei tendo acesso à minha língua materna, porque meus professores, todos Xavante, sempre ensinavam usando apenas a língua nativa na sala de aula no ensino fundamental. Às vezes, eles traduziam o conteúdo ministrado para a Língua Portuguesa, mas eu ainda tinha dificuldades em falar outra língua que não fosse a minha. E, na verdade, eu realmente não tinha interesse em aprender, porque para mim naquele momento não era necessário falar a língua dos não-indígenas.

Na segunda fase do Ensino Fundamental, eu ainda encontrava muitas dificuldades com o uso da Língua Portuguesa, porque a verdade era que eu ainda brincava muito dentro da sala de aula. Além disso, pensava que não valia nada a vida dos outros que nós chamamos brancos (*waradzu*). Hoje penso muito diferente, pois mais tarde descobri que a fala do não-indígena, o Português, era falado no Brasil inteiro e, por isso, é muito preciosa.

Por isso, com base em conhecimentos mais profundos sobre a Língua Portuguesa, que aprendemos também nos nossos cursos de Licenciatura, nós, professores indígenas da Aldeia Sangradouro, estamos compartilhando com nossos alunos os segredos da estrutura da Língua Portuguesa: Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica. Na Morfologia, por exemplo, aprendemos a distinguir as classes de palavras em: Substantivo, Pronome, Artigo, Numeral, Adjetivo, Verbo (variáveis); Conjunção, Interjeição, Preposição, Advérbio (invariáveis). Esses são temas muito importantes e interessantes sobre ensino de Língua Portuguesa, que abordamos em nossas aulas para os nossos alunos Xavante.

Entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, eu ainda não havia ido para a cidade para estudar ou mesmo morar no meio dos *waradzu*. Por isso, entre meu povo e por falarmos diariamente apenas a nossa língua nativa desde criança até adulto, a língua Xavante permanecia

muito forte. Então, como já disse, nunca me preocupava em entender e falar a Língua Portuguesa.

No Ensino Fundamental, os professores estudavam um pouco no livro didático. Foi então que consegui avançar um pouco mais em como compreender e interpretar o texto, mas, ao mesmo tempo, continuava tendo dificuldades em entender a Língua Portuguesa. Eu realmente demorei a entender a língua dos brancos (*waradzu*). Ficava às vezes pensando nessa dificuldade e concluía que era porque durante o dia falava a nossa língua o tempo todo, mas na escola aprendia um pouco da língua dos não indígenas.

No ano 2001, eu concluí a 8ª série do antigo Ensino Fundamental (atual 9º ano) e já estava com 20 anos de idade e também já era pai e tinha dois filhos. Os nomes deles são Euzébio Tsere´rurã Wa´awe e Euricko U´ratawe Wa´awe. Eu continuava com muita dificuldade de falar Português, porque estava vivendo na aldeia e nunca ia à cidade dos não-indígenas, mas eu já sabia que tinha responsabilidade de estudar para ampliar conhecimento e aprender mais a Língua Portuguesa com uma importante ferramenta.

Em 2002, deu tudo certo, pois eu sempre pensava positivo, ou seja, nunca pensava negativo. Então, consegui me matricular no Ensino Médio. Meu pai e minha mãe me incentivam a estudar mais e eu queria realizar o sonho deles. Quando estava nas salas de aula do Ensino Médio, achei o ensino um pouco diferente do que eu vi no meu Ensino Fundamental, porque os conteúdos são todos tirados do livro didático como: História, Biologia, Matemática e outros.

Todavia, antes que eu concluísse o Ensino Médio, perdi minha mãe. Ela faleceu em decorrência de um tumor, em 27 de dezembro de 2003, no Hospital da Universidade de Brasília (HUB). Desde então, sempre tive na lembrança os conselhos que a minha mãe me dava. Nunca esquecerei a conversa de minha querida mãe. Ela sempre ficará em minha memória até eu envelhecer. Quando eu concluí o Ensino Médio, tive com minha querida mãe o seguinte diálogo:

Inã te imã tinha ãné:

“I’ra, rómnhōré u’ōtsi! Ró tewe tsitsaprî mōnō bōtō bōre! Atsimî dzadzōritō! Tiha itsa’retse’ō tewe tsinã rowi mōnō a’uwê dzō.”

Wahã watsa da’ō inã:

“Wedi tané wamhã, dati’ō! Inhimi dzadzōri’ōdidza wadza rómnhōré u’ōtsi...”

Inã te imã tinhã ãné:

“Aipo’re tsi’oritõ imréménãhã! ãmã rótsa’rata mōnō imréménã bötō böre...”

Wahã watsada’ö:

“Dati’ö, ahötö’ötö! Watö itsimã tété anhîmî róti...”

Inã te imã tinha ãné:

“Nimãmé idö’ö wamhã, imréménã aipö’re tsi’oritödza...”

Wahã watsada’ö inã:

“Hepãrî, dati’ö! wadza wapé te uwaimrãmîda ate rótsawêré!”

A tradução para o Português é a seguinte:

- “Filho, estudar mais! O mundo ficou transformando cada vez mais! Não pode parar! As coisas desconhecido está aproximando contra indígenas...”.

Então, eu respondi para minha querida mãe:

- “Então tá bom, mãe! Não vou parar de estudar...”.

Minha mãe disse:

- “Não esqueça minha fala! Pode lembrar todos os tempo...”

Eu disse:

- “Mãe, não se preocupe! Já guardarei sua fala durante todo dia...”.

Minha querida mãe disse:

- “Um dia, quando eu morrer, lembre-se tudo que eu fala com você...”.

Eu respondi:

- “Obrigado, mãe! Vou lutar mesmo para conseguir seu sonho!”

Eu terminei o Ensino Médio no ano 2004 na mesma escola. Durante todo o tempo que passei nas escolas, buscando alcançar minhas conquistas nos estudos, meu querido pai e minha querida mãe sempre se esforçaram para continuar a estudar. Tudo que eles sonhavam era que

eu conseguisse realizar o sonho deles de entrar na universidade. Então, cada dia mais pensava em chegar à universidade, até que um dia, enfim, meu sonho se realizou, pois vi meu nome na lista de aprovados no vestibular. Foi uma alegria grande para mim, para meus pais e para toda minha comunidade.

Quando cheguei à Universidade Federal de Goiás, eu conheci mais palavras da Língua Portuguesa, as quais eram desconhecidas ainda para mim. Isso ocorreu durante as aulas e também no momento em que desenvolvia minha pesquisa de mestrado. Junto aos professores e meus colegas de estudo, tive muitas oportunidades para ampliar cada vez mais o conhecimento dos waradzu e da língua falada por eles. Também houve oportunidade de aprender muito mais sobre os próprios conhecimentos tradicionais do povo Xavante. Desde então, cada dia mais tenho a vontade de conhecer novas palavras para entender melhor e dominar bem a língua dos waradzu.

Atualmente, a minha visão sobre o uso do Português está diferente, porque percebi a importância de dominar também a língua dos não indígenas. É muito interessante saber/poder usar a Língua Portuguesa, porque ela pode ser usada como uma arma para ajudar a nos defender de coisas ruins que podem acontecer conosco, em nossa aldeia ou na cidade, se não soubermos usar a Língua Portuguesa. Sem entender a língua dos brancos, na cidade, por exemplo, não podemos resolver nada.

É importante dizer que, no momento de desenvolvimento desta minha pesquisa, ainda encontro alguma dificuldade com o uso da Língua Portuguesa. Por isso mesmo, desde o início do curso de Mestrado, pedi às minhas orientadoras, primeiramente, a finada Profa. Maria do Socorro, e depois, a Profa. Gláucia, que fizessem a revisão do meu texto em Português. Isso porque, realmente tenho muita dificuldade para escrever na língua usada na Universidade para escrever os textos acadêmicos. Por outro lado, leio e escrevo sem dificuldades em minha língua, como vocês podem ver, por exemplo, no texto publicado na *Revista Articulando e Construindo Saberes* (WA' AWE, 2022). Enfim, na minha língua, tenho poucas dificuldades na leitura e escrita.

Ainda sobre os conteúdos aprendidos na escola, nós também aprendíamos lições de Matemática na sala de aula e outros conhecimentos não-indígenas. Eu me lembro que, dentre as minhas primeiras lições de Matemática, estava a base da tabuada: multiplicação, divisão, adição e subtração. São essas as mais conhecidas.

Quando eu era criança, entre os seis e sete anos de idade, gostava muito de fazer

operações, continhas de matemática. Eu me lembro de meu ex-professor, o Senhor Francisco Wari'ubdi, me ensinando durante as aulas essas operações matemáticas. Como já disse, ele fazia isso usando apenas nossa língua materna para que ficasse mais fácil para aprendermos mais rápido as operações matemáticas.

Outras disciplinas que eu estudei também, em língua materna e na segunda língua, foram Biologia, História, Geografia e outros. Em Biologia, estudávamos o corpo humano (*A'uwe hõiba*), aprendendo os nomes dos membros de nosso corpo: cabeça e ombro (*Da'ra duré danhitsé*), joelho e pé (*Dahi'rãti duré Dapara*). Foi muito bom conhecer o nome partes do nosso corpo em nossa língua e aprender juntos com meus colegas de estudo era realmente uma satisfação.

Em História, nós ouvíamos dos professores as narrativas sobre os indígenas do Brasil, conhecíamos os mitos Xavante, a História do povo Xavante. Quando conheci a disciplina de História, fiquei muito alegre, porque, dentro da disciplina, tem muitas informações que me eram desconhecidas sobre a História de meu povo e do mito Xavante, e histórias de outros povos indígenas do Brasil.

Em Geografia, estudamos vários conteúdos a partir de perguntas, tais como: de onde veio o povo Xavante? Em qual região estamos situados? Qual o nome do Estado em que está nossa Terra Indígena? Para mim, a disciplina Geografia é muito importante, porque, por meio dela, conheci muitas coisas desconhecidas para mim, como paisagens diferentes. Além disso, também aprendi a ler os diversos mapas do Brasil e também a traçar mapas de nossas terras e outras.

Assim começa a base de conhecimentos e cada vez mais está ampliando a visão presente, passado e futuro. Por isso, ao meu querido ex-professor, o Senhor Francisco Wari'ubdi, sempre vou agradecer a todos os tempos passado e presente. Ele era professor e ensinava tudo para nós em duas línguas, o Xavante, e a língua dos brancos (*waradzu*), o Português. Até hoje nós, professores, estamos fortalecendo a nossa língua materna, nossa mais forte ferramenta de valorização de nossa cultura. Ela não pode morrer e vamos nos esforçar muita para deixá-la sempre viva.

3.2.3. O sonho de atuar como professor na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro

Todos os dias, eu me lembro de meus queridos ex-professores da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro. Acredito que sempre me lembrarei deles e nunca me esquecerei de minha vida escolar, porque tudo que ocorreu nela foi exemplo para mim, porque passei a observá-los e a querer ser igual a eles, como educador. Então, cada dia mais crescia em mim um desejo de transformar minhas atitudes, de deixar de ser aluno para ser professor, como meus antigos mestres. É sobre isso que falarei nesta seção.

3.2.3.1. A busca por novos conhecimentos para transmitir aos discentes

A partir de 2007, começou a se falar em Educação Intercultural, no nosso vizinho Estado de Goiás. Isso ajudou bastante aos estudantes indígenas, pois nos deu a oportunidade de ampliar a nossa visão de mundo e nos preparar para ajudar as escolas das comunidades indígenas.

Contudo, eu não tive acesso nesse tempo a tais informações, eu não sabia nada mesmo a respeito das informações sobre essas oportunidades de ensino superior, porque onde eu moro, ainda não tinha internet na época e, por isso, nunca tinha ouvido alguém falar sobre a graduação em Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

Quando foi instalada a internet na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro, no ano de 2011, todos fomos avisados sobre o vestibular que ocorreria na UFG e os jovens foram convidados a prestar vestibular. Porém, eu morava na reserva de Sangradouro, onde não tinha energia e era um pouco longe também, cerca de 7 Km, de minha comunidade, Bom Jesus, até a escola. Mesmo assim, fui a pé para a aldeia Sangradouro para fazer minha inscrição online no vestibular e, para isso, contei com o apoio de muita gente na comunidade.

No ano 2011, portanto, comecei a sonhar em tentar um vestibular, porém, passou-se mais um ano sem eu estudar. Então, em 2012, vi nas redes sociais que seria aberto um processo seletivo para a Universidade Federal de Goiás, no curso de licenciatura em Educação Intercultural, que ocorre no Núcleo Takinahakÿ de Formação Superior Indígena (NTFSI). Então, no mês de novembro, eu me inscrevi e fiz as provas.

Em dezembro, saiu o resultado dos candidatos classificados no vestibular da UFG e, felizmente, eu havia sido aprovado, o que, na comunidade da aldeia Sangradouro e em nossa língua materna, dizemos *tsõ´rehipãri*. Após sair o resultado do vestibular, fiquei muito feliz juntamente com minha família. Porém, tive problemas financeiros para me deslocar para Goiânia, a fim de começar os estudos na graduação. Então, pedi ajuda à minha família e amigos

para comprar as passagens para Goiás. Graças àqueles que me ajudaram financeiramente, consegui ir rumo ao meu sonho.

Quando cheguei à UFG para me matricular, encontrei várias pessoas desconhecidas que pertenciam a outras etnias. Todos foram meus colegas da nossa querida Turma de 2013. Sobre alguns deles, já falei nesta dissertação. Foi na universidade que eu aprendi a história de meus colegas pertencentes a outras etnias indígenas. Naquele local e tempo, trocamos muitas experiências e conhecimentos.

Eu falava pouco no início porque, como já disse, sempre tive dificuldade de me expressar em Português, principalmente palavras desconhecidas, como vocábulos técnicos. Só conhecia algumas palavras básicas mesmo. Por isso mesmo, sempre tive dificuldade de fazer apresentação de trabalho individual nas aulas, todavia fui me acostumado com a ajuda de meus colegas e, principalmente, de todos meus professores e minhas professoras da graduação, são: Prof. Dr. Carlos Abs da Cruz Bianchi, Prof. Dr. Arthur Ângelo Bispo de Oliveira, Profa. Dra. Luciana de Oliveira Dias, Profa. Dra. Mônica Veloso Borges, Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva, Profa. Dra. Joana Plaza Pinto, Profa. Suety Líbia Alves Borges, Prof. Dr. José Pedro Machado Ribeiro, Profa. Dra. Léia de Jesus Silva, Profa. Dra. Katiúscia Brito Teixeira da Costa, Profa. Juliana dos Santos, Profa. Dayane Renata Silva Pereira, Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido, Profa. Dra. Lorena Dall'Ara Guimarães, Prof. Dr. Alexandre Ferraz Herbetta e Prof. Dr. André Marques do Nascimento. Todos eles foram meus professores da graduação na Universidade Federal de Goiás (UFG), de 2013 a 2018.

O meu curso de graduação foi conquistado à custa de muito suor, pois nunca desanimei e continuava sonhando em chegar mais à frente. Por isso, não pensava em coisas passadas. Eu seguia querendo realizar meu sonho, sempre me lembrando da conversa que tinha tido com minha querida mãe, a qual reproduzi em seção anterior desta dissertação.

Toda minha vida sempre tive dificuldade no aspecto financeiro e também em outros, mas já me costumei a aguentar e não me importar com momentos difíceis. Primeiro temos que encher de conhecimento a memória, depois melhorar o bom comportamento todos os dias. Isso é muito importante em minha vida. São ensinamentos que obtive durante meu curso de graduação.

Em meu curso de graduação, a minha área de formação foi a Ciências da Natureza. Gostei muito de estudar nessa área e também nas outras. Conheci muitos conteúdos de Matemática, Biologia, Física, Língua Portuguesa e Línguas Indígenas do Brasil.

Meu estágio foi sobre a cordinha (*wedenhõrõ*) como enfeite do povo Xavante. Meu projeto extraescolar foi desenvolvido sobre lixo (*lixo-rópru*) na aldeia Sangradouro (WA' AWE, 2018). Nesse trabalho, abordei a forma de organizar o lixo em minha comunidade. Esse meu trabalho me trouxe mudança de comportamento e muito conhecimento.

Quando entrei para a graduação da Universidade Federal de Goiás, observava minha opinião se transformando cada vez mais, pois não ficava parado. Meu sonho ia cada dia mais para frente. A dificuldade sempre estava ao meu lado, mas eu não queria parar de sonhar até o final para realizar meu plano de vida.

Desde que concluí o curso de graduação, no dia 13 de setembro de 2018, cultivava outro sonho, o de um dia fazer o Mestrado para ampliar os conhecimentos adquiridos na Licenciatura Intercultural. Então, sonhava em tentar o ingresso na pós-graduação em nome da minha comunidade, principalmente de meus alunos e minhas alunas, que estão estudando na aldeia. Isso porque, durante a minha trajetória na universidade, percebi que o papel do professor precisa ser atualizado todos os dias, que esse profissional precisa estar muito bem preparado para trabalhar em sala de aula. Isso ocorre, por exemplo, ao adquirir conhecimentos com professores e colegas, o que chamamos de troca de conhecimento uns aos outros, nos cursos de graduação e pós-graduação.

Enfim, consegui prestar a seleção para o mestrado no Programa de Pós-Graduação e Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (PPGLL-FL-UFG) e fui aprovado felizmente.

Após ingressar no programa de pós-graduação, tive como professores os seguintes docentes: Professora Maria do Socorro Pimentel da Silva, na disciplina Tópicos em Questões Culturais e Identitárias no Ensino de Línguas Naturais e, também, a professora Mônica Veloso Borges (Koxamy), na disciplina Tópicos de Tipologia Linguística e o professor André Marques do Nascimento, com a disciplina Tópicos em aspectos Socioculturais da Linguagem, que achei muito maravilhosa, porque ampliou muito meu conhecimento sobre educação intercultural.

Embora as aulas tivessem ocorrido online, porque a Covid-19 estava matando muitas pessoas e era realmente perigoso frequentar aulas presenciais, eu gostei muito de todas as disciplinas que cursei. As aulas começariam exatamente quando a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia por causa do violento vírus que assolava a humanidade. Isso complicou muito as coisas no mundo inteiro. No Brasil inteiro várias pessoas estavam morrendo, inclusive nas aldeias indígenas, conforme falei na introdução desta dissertação. Por

isso, considerei muito importante para nós ter as aulas remotas para proteger a nossa vida contra a doença.

Mesmo à distância, foi bom demais ter as aulas online, porque de uma maneira ou outra estávamos todos juntos: eu e minha primeira orientadora, a Profa. Maria do Socorro, meus professores de disciplinas estavam sempre me acompanhando para a conclusão dos créditos exigidos para o mestrado. Por fim, a participação nos eventos e cursos online, a sessão de qualificação e a condução da pesquisa pela Profa. Gláucia, orientando a pesquisa e fazendo a revisão da minha escrita em Português.

Além disso, durante meu curso de mestrado, conheci muitas coisas diferentes do que tinha aprendido na graduação e muitas palavras até então estranhas para mim na Língua Portuguesa. Quando iniciei o mestrado, continuei tendo dificuldades com a língua dos não-indígenas, porém, mesmo assim, decidi levar toda minha família para morar em Goiânia para todos juntos conviverem mais com falantes da língua dos brancos (*waradzu*), porque, como já disse, para mim, o Português pode ser uma ferramenta para nós. Então, enquanto eu faria o mestrado, todos também aprenderiam mais o Português.

Apesar dessas dificuldades, nunca desanimei e sempre corri em busca de meu sonho de concluir esse mestrado e avançar cada vez mais para ampliar meus conhecimentos sobre os brancos e também sobre outros povos. Hoje em dia, entender a sociedade dos outros é importante para se conhecer e sobreviver em qualquer lugar e em qualquer tempo. É importante, principalmente, para se defender de inimigos. Por isso, o conhecimento sobre o máximo de informações culturais e tecnológicas pode ser uma de nossas ferramentas e isso pode ajudar bastante.

Por isso, sempre agradeço a oportunidade de realizar o curso no mestrado, porque essa pesquisa me abriu muito a visão. A minha conquista, ou seja, a finalização de minha pesquisa de pós-graduação, é um ganho para mim e para toda a comunidade Xavante, especialmente, a escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em retomada à pesquisa e à narrativa apresentada nesta dissertação lembro que sou um Xavante verdadeiro, conhecido por meus familiares e amigos como Watsiró, mas batizado no cartório como nome de Antônio Luiz Wa'awe. Nasci em 1981, na aldeia Dom Bosco, no Estado de Mato Grosso, Brasil, onde meu pai e minha mãe moravam até que nos mudarmos para a aldeia Sangradouro, no Município de General Carneiro, também em Mato Grosso.

Iniciei meus estudos na Escola Estadual Indígena São José Sangradouro. Terminei o Ensino Fundamental no ano 2001 e o Ensino Médio no ano 2004 na mesma escola indígena. Depois disso, fiquei oito anos sem estudar, só cuidando de minha família, mas depois de tanto tempo, comecei a pensar em prestar vestibular em qualquer lugar. Em 2012, um professor me perguntou se eu tinha interesse de prestar o vestibular. Então, me inscrevi e deu certo o resultado.

Em Goiânia, quando ingressei na Universidade Federal de Goiás, aprendi muitas coisas e fui dia a dia adquirindo conhecimentos de outras áreas, principalmente, da Educação Intercultural. Após eu concluir o nível superior, gostei muito de aprender como ser professor. Então, fiz um pré-projeto de pesquisa para o mestrado e, mais uma vez, deu certo, o resultado. A partir daí, tive muita coisa para aprender mais a trabalhar em sala de aula, transmitindo o conhecimento aos alunos ou para minha comunidade, porque é em nome deles que decidi estudar na graduação e depois, na pós-graduação. Ou seja, minha maior motivação para estudar é a vontade de com meus conhecimentos poder ajudar meu povo Xavante e para melhorar o ensino da língua na escola Xavante.

Por isso, procurei aprofundar meus conhecimentos realizando uma pesquisa, por meio da qual busquei mostrar aspectos linguísticos e culturais da minha sociedade Xavante. Assim, neste trabalho, procurei mostrar a importância do uso de nossa língua materna e das brincadeiras tradicionais do povo Xavante, como a *tóbda'é* (peteca) e a luta de *ói'ó* (luta de raiz). Essas brincadeiras sempre foram muito legais para mim, a ponto de sempre ficar muito emocionando de lembrar com essas brincadeiras aconteciam. Elas ficaram na minha memória, muito difícil de esquecer. Será assim até eu envelhecer, porque cada vez mais os(as) nossos(as) velhos(as) estão morrendo e deixando herança sobre conhecimento tradicionais. A nossa cultura é tão rica e poderosa. Há muitas coisas que eles estão deixando para nós.

Por isso, acredito que podemos fortalecer cada vez mais e compartilhar na escola esse

tipo de herança. Assim, as crianças e jovens podem sempre conhecer e praticar esses conhecimentos. Afinal, não só as crianças e os jovens mas também adultos consideram essas atividades as mais divertidas da cultura tradicional do povo Xavante. Elas acontecem todos os anos, tal como nas fotos que eu mostrei aqui na dissertação, visando a esclarecer e explicar melhor meu tema de pesquisa.

Com os registros das fotos e de fatos narrado busquei mostrar a importância de meu tema. Acredito que é muito importante estudar mais a língua e os aspectos culturais de meu povo para ajudar com a comunidade da aldeia e alunos da escola.

Todos os indígenas consideram que tais atividades fazem parte da educação do povo Xavante. Para confirmar isso, existem depoimentos dos velhos/adultos, que foram gravados e registrados pelo celular, tais como os trechos de depoimentos dados pelo Senhor Alexandre Tsereptsé, os quais transcrevemos, a seguir, em língua Xavante, porque nossos velhos não falam Português:

Trecho 1: *Duréhã a'uwe uptabi tsi rewa höimãñã dza'ra mōñõ rehã irówê uptabi rówenã wa're watódza'ra wahöimãñã dzébnã wamhã duré wamréme nãhã dzahadu wa're wamréme dzutsi dzahadu tsõ'õmã tahawa imã rówedí duré watsanã wa're watsaihuri tahawa iwanhiptede, ãné iwapari ãhã totsênãhã nimãmé wamhã ãmã 'repibuiptese dza'ra abamõñõ wahöimãñã dzébnãhã tsawidi ãmã iwatsiwadzé duré tsiwa'ru ãmã 'rewa höimãñã dza'ra mōñõ'õdi i'uptsãtãpe wahi'rata hawi tewe ãmã 'rehöimãñã dza'ra wamã itsõmri tsiró wahöimãñã dzéhã.*

(Tradução: Antigamente, nós, os Xavante, vivíamos muito felizes, estávamos fazendo as festas tranquilos. Também ainda falamos nossa língua materna até hoje e por isso estou muito alegre. Na época, a gente tinha nossa comida tradicional. Por causa disso, estamos muito fortes guerreiros. Assim, me escute. Estou contando coisas da realidade. Daqui para frente, você pode bem cuidar da nossa cultura. Somos Xavante. Nós respeitamos a nossa cultura e todo mundo ama também. A nossa cultura é bem organizada e vem dos nossos ancestrais. Todos tradicionais Xavante).

Trecho 2: *Wahöimãñã dzéhã awa'awi nãhã aiwab'õdi ótó duréihã aimãwi, awa'awi nãhã iró'óre mãwe ãdzé watémé duré watsa mãte tsitsapri waradzu tsanã wa're watsaihuri uburé mãri awa'awi nãhã ihöimãñã dza'ra mõñõhã waradzu te nãtsi mãri wairébé dzéhã, tanénhere awa'awi nã dzémã dzahadu wa're wamrémé dzutsi ai'uté, ihöibaté duré ihi-iprédu, dzahadu tsiptete uptabidi wamréméhã duré watóhã. Tahawa ihöiba tébnõri tedza ãmã ipibuiptese dza'ra abamõ wahöimãñã dzébnãhã tsiptete u'õtsinã rehöimãñã mõñõda rópótóté wadza'u ãmã rehöimãmã dza'ra mõñõda.*

(Tradução: A nossa cultura hoje é um pouco diferente, mas estamos falando ainda nossa língua materna. Até crianças, jovens e adultos/velhos. Em qualquer lugar, ela está muito forte. Agora já entrou a energia na nossa aldeia e todas as coisas a gente resolve só usando tecnologias, como celular, televisão, geladeira e outros. Tudo foi transformado através da sociedade dos brancos (*waradzu*). Por isso, os jovens podem cuidar bem da nossa cultura nativa e sempre fortalecê-la para não acabar e podem deixar cada vez mais conhecimentos para as novas gerações).

Há também entrevistas com algumas pessoas de nosso povo que falam sobre como nós, os Xavante, aprendemos e adquirimos a educação por meio da cultura milenar, tal como vemos, a seguir, em mais um trecho de entrevista com o Senhor Alexandre Tsereptsé.

Entrevista: em língua Xavante: Wanõrihã a'uwe uptabi 're iwahöimãñã dza'ra mõñõhã dzahadu ihi/iprédu wa're wahöimãñã dza'ra awa'awi nãhã tahawa mã'ãpé ihöibaté nõri ãmã 're aihöimãñã prédubdza'ra abamõñõ wahöimãñã dzébnãhã wató nã wamhã duré wamrémé nã wamhã duré watsipó'ó nã wamhã Öwawe duré Põ'redza'õñõ ãñõrihã wamãhã imõri'rata uptabi wahöimãñã prédu waihu'udzé wahöimãñã

dzébrehã duréi hawi wa'ãmã 'rewahöimãñã dza'ra duré wahöimãñã dzéhã uptsãtã petsedi tsiwa'ru 'rewahöimãñã dza'ra mōñõ'ōdi a'uwê uptabihã, uburé mãri watehã ró ihöimãñã dza'ra mōñõ tsiré wa're wahöimãñã dza'ra tsi hörö, tãirãrã, rówa'u duré rótsawere, ãñõrihã wamãhã imõri'rata uptabi wahöimãñã dzébrehã wanhimi dzadze duré wahöimãñãdzé uburé ãñõrihã wahöimã prédu waihu'udzé watehã.

Tradução para o Português: Nós, os velhos/anciões Xavante, estamos vivos ainda. Com isso, os jovens precisam respeitar a nossa cultura e a nossa língua materna também. Eles precisam respeitar as duas divisões em clãs *Öwawe* (Significa: Rio grande e Oceano) e *Pö'redza'õñõ* (Significa: Girino). Essa divisão é muito importante para nós, pois nos permite adquirir a educação nativa e, também a nossa cultura é sempre bem organizada. Entre os Xavante, o nosso espírito e religião sempre andam juntos com a força da natureza, como o canto de pássaro, o barulho de chuva, o vento balançando as folhas das árvores, o poder do sonho. Tudo isso, é muito interessante dentro da nossa cultura. É daí que vem o tipo da educação tradicional do povo Xavante.

Sobre incentivar o respeito de outro clã *Öwawe* e *Pö'redza'õñõ* e também o respeito da pintura corporal, regra dos padrinhos e participação nas festas, tudo isso é muito importante para a nossa cultura Xavante para registrar todas as coisas que têm acontecido conosco, desde o uso de nossa língua materna a outras importantes manifestações culturais do povo Xavante.

A escola pode trabalhar com as crianças para socializar como se fosse a brincadeira mesmo. Isso pode ajudar na educação e na diversão delas na escola, mas o mais importante ainda é a gente valorizar e resgatar a cultura por meio dessa brincadeira. O interesse da comunidade Xavante é que a escola tem de ser do modo próprio da cultura do Xavante, porque, às vezes, algumas escolas da minha comunidade ensinam o conteúdo a partir da cultura do *waradzu* (branco).

O jogo de peteca (*tóbda'é*) e a luta de raiz (*óí'ó*) podem entrar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Indígena São José Sangradouro. O PPP da escola precisa ser atualizado, porque ele foi elaborado na entrega da escola para os Xavante. Ele foi elaborado

pelos professores Xavante juntamente com a comunidade da aldeia.

No Projeto Político Pedagógico da Escola, a língua Xavante é considerada disciplina da escola, porque é a nossa língua materna e ela é muito forte entre o povo Xavante e é uma das principais características do povo A'uwe. Assim, é uma grande preocupação do povo Xavante manter a língua sempre viva, como importante fator cultural de disseminação do mundo e da visão de nosso povo, as quais são totalmente diferentes das dos não-indígenas (*waradzu*).

Na situação contemporânea, aspectos culturais tradicionais podem ser trabalhados e até ensinados aos alunos(as) em sala de aula. Muitas vezes, o ancião é convidado a ir até lá para ensinar por meio do ato de contar uma história, em que se baseia a educação. Nesse momento, os anciões são os professores das crianças xavante na sala de aula, pois neste momento os anciões ensinam regras de comportamento e até mesmo corrigem as crianças para que tenham bom comportamento, porque antigamente as crianças eram aconselhadas dessas maneiras. Tudo era explicado oralmente, principalmente, no passado, ou seja, os ensinamentos de nossos pais. Hoje, isso continua acontecendo tanto de forma oral, como também em textos escritos.

Ao meu ver, a Escola da aldeia Sangradouro está melhor do que era na minha época de estudante. Isso porque ela conta com muitos materiais escritos da Língua Portuguesa, o que é importante para o ensino e aprendizagem dos estudantes que lá estão matriculados: crianças, jovens e adultos.

Quando foi entregue, a direção da escola em 2005, os professores Xavante passaram a dar aula na escola da aldeia. Os Xavante também passaram a dirigir a instituição. No momento do término de minha pesquisa, o Senhor José Roberto Pe'watõ'a o Diretor atual em 2022, enquanto a Coordenação Pedagógica era feita pelo Senhor Martinho Tsiré'édi Tsawewa.

As aulas ficaram melhores porque os professores e o diretor da escola, na condição de pertencentes ao povo Xavante, trabalham o tempo todo reforçando junto à comunidade da aldeia a nossa língua e também nossas tradições culturais. Assim, fica mais fácil para atender aos interesses da comunidade e, principalmente, aos pais dos alunos ou responsáveis. É o que pretendemos que continue ocorrendo, ou seja, nós, professores e gestores, podemos ajudar a nossa escola para ela ficar cada vez mais rica em termos da educação do povo Xavante e também da educação do não indígena (*waradzu*).

Afinal, enquanto os estudantes estiverem na escola indígena é importante que todos nós sempre acompanhemos o uso de nossa língua materna para fortalecê-la, porque ela é muito importante para nós e temos que passá-la para as novas gerações. Sem cultura e sem língua

somos fracos e não podemos perder as nossas riquezas tradicionais e o nosso conhecimento nativo. Por isso, eu particularmente sempre digo assim: “Primeiro, temos que respeitar a nossa cultura e vamos reforçar todos os dias isso por meio do uso de nossa língua nativa!”. Assim eu falo principalmente para as crianças e os jovens. Essa é a minha ideia para ajudar meu povo da aldeia Sangradouro.

É que as coisas estranhas estão se aproximando cada vez mais de nosso povo e são levados para aldeia, alguns elementos estranhos e que não fazem bem ao nosso povo como alguns alimentos, como por exemplo: refrigerante, pão de açúcar, doces, biscoito recheado, chicletes, A comida artificial não presta para nossa boa saúde; também bebidas alcoólicas, fumo, e papéis ou plásticos que são jogados no meio da aldeia podem prejudicar a nossa saúde, em especial, nossa respiração. Tudo isso, nós, professores, podemos resolver para melhorar a saúde e também ensinar na escola para ajudar a nossa comunidade da aldeia.

Por outro lado, reconheço que existem coisas que servem para nós e ajudam a viver bem na aldeia, por exemplo, a televisão, o celular, o notebook, entre outros. Tudo isso, sabendo controlar, é muito bom para o meu povo. Toda tecnologia pode ser muito boa para nosso povo, por exemplo, para fazer pesquisa e também para assistir às notícias ou podem trazer outros conhecimentos para complementar o que não sabíamos. Isso leva o conhecimento todo dia e não prejudica a vida.

Concluindo, gostaria de dizer que minha pesquisa foi um estudo muito difícil, porque considero o Português a minha segunda língua e assim é para todos os indígenas. Contudo, foi realmente uma batalha embaixo do meu suor. Agora entendi que a educação transforma a pessoa. Dessa forma, me esforcei bastante para chegar até aqui e fazer o Mestrado com tanta dificuldade, em especial, para me expressar na Língua Portuguesa. Felizmente, tive ajuda dos professores e por isso cada vez mais estou ampliando meus conhecimentos sobre a língua dos não indígenas.

Minha pesquisa trouxe muitas coisas boas para o meu viver e vou compartilhar tudo na escola para que as crianças aprendam. Também vou compartilhar meus novos conhecimentos com os jovens e os adultos. Todos vão aproveitar a minha pesquisa, assim como eu também já aproveito as pesquisas dos outros para completar o que faltou em minha pesquisa. Tudo isso será muito bom para ajudar na escola.

E a minha expectativa em nome da minha comunidade, que me apoiou na busca de outra visão do mundo em que vivemos. Isso foi feito através da minha conquista para ajudar meu

povo Xavante. Foi isso que me deu a universidade durante a minha pesquisa nos últimos dois anos de estudo fora da minha aldeia. O tempo todo a comunidade estava esperando o resultado de meu projeto de pesquisa. É o que entrego hoje para todo o povo Xavante. Mas as pesquisas continuam em outros níveis de graduação.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO WARÃ. *Depoimento do ancião Tóp'tiró, de idade desconhecida à Öwa'ú Ruri'õ*. Disponível em: <http://hosted.nativeweb.org/wara/wara.html>. Acesso em: 24 Jul. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 maio 2022.

GOMIDE, Maria Lucia Cereda. Território no mundo A'uwe Xavante. *Confins* [On line], No. 11, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/6888>. Acesso em 14 Jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.6888>

HERBETTA, Alexandre. Considerações sobre processos colaborativos de coteorização: diálogos entre o projeto Milpas Educativas e o Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena. In: *Articulando e Construindo Saberes*. Goiânia, UFG, v. 1, n. 4, 2019. <https://doi.org/10.5216/racs.v4i0.59238>.

LARIWANA, Leandro Karajá. Concepção de bilinguismo e interculturalidade nas práticas pedagógicas de estágio do curso de Licenciatura Intercultural de Formação de Professores Indígenas da UFG. In: PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro; BORGES, Mônica Veloso (orgs.) *Práticas pedagógicas de docentes indígenas*. Goiânia: Gráfica da UFG, 2015.

NIKULIN, Andrey. *Proto-macro-jê: um estudo reconstrutivo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

OLIVEIRA, Rosana Costa de Oliveira. *Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro (2017). A pedagogia da retomada: descolonização de saberes. *Articulando e Construindo Saberes*. Goiânia, UFG, v. 1, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.5216/racs.v2i1.49013>. Disponível em: . Acesso em: 27 fev. 2022.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 279–288, 2018. DOI: 10.26512/rbla.v4i2.20692. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/20692>. Acesso em: 9 jul. 2022.

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga. *Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cós mica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2020.

TOP'TIRO, Hiparidi D. Rituais. Disponível em: <http://hosted.nativeweb.org/wara/wara.html>. Acesso em: 24 Jul. 2022.

TSEREWARA, Luiz Tsarepre. *Medição de valores pela comunidade Xavante de Sangradouro*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato, Cuiabá, 2017.

WA' AWE, Antônio Luiz. Eniha wawate rówaihu'udzá'ra: watsú'uda atsimiwaihu'unã we imãdö'ödzebñã ahã we rómnhõré mõnõ réhã aldeia Sangradouro remhã. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, UFG, v. 1, n. 7, 2022.